

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JÉSSICA DIAS FELICIANO

**ACESSIBILIDADE NAS CORRIDAS DE RUA: Barreiras percebidas pelas pessoas
com deficiência visual**

Florianópolis,

2017

JÉSSICA DIAS FELICIANO

**ACESSIBILIDADE NAS CORRIDAS DE RUA: Barreiras percebidas pelas pessoas
com deficiência visual**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física – Bacharelado do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof^(a). Dr^(a). Bruna Barboza Seron.
Co-Orientador: Prof. Me. Vinícius Zeilmann Brasil.

Florianópolis,

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Feliciano, Jéssica Dias
ACESSIBILIDADE NAS CORRIDAS DE RUA : Barreiras
percebidas pelas pessoas com deficiência visual / Jéssica
Dias Feliciano ; orientadora, Bruna Seron, coorientador,
Vinicius Brasil, 2017.
88 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Acessibilidade. 3. Deficiência
visual. 4. Corrida de rua. 5. Barreiras. I. Seron, Bruna.
II. Brasil, Vinicius. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Educação Física. IV. Título.

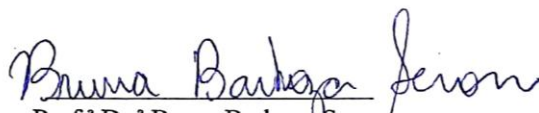
Jéssica Dias Feliciano


ACESSIBILIDADE NAS CORRIDAS DE RUA: Barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual

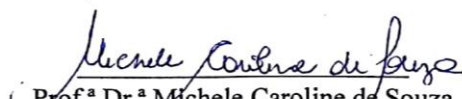
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota **10,0**.


Florianópolis, 24 de novembro de 2017.

Banca Examinadora:


Prof.^a Dr.^a Bruna Barboza Seron
Orientadora
GEPEP - CDS/UFSC


Prof. Me. Vinicius Zeilmann Brasil
Co-Orientador
LAPE – CDS/UFSC


Prof.^a Dr.^a Michele Caroline de Souza
Membro Titular
NUCIDH - CDS/UFSC


Prof. Diego Antunes
Membro Titular
Educação Física - CEFID/UDESC

Dedico este trabalho para aquela pessoa que independente do momento ou situação, sempre está ao meu lado. Mãe, eu amo você.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus**, por me dar forças a todo momento de construção, tanto deste trabalho, quanto do processo de enriquecimento pessoal e acadêmico.

A meus **Pais**, por toda a educação, dedicação e paciência, mas principalmente por me falarem “não” nas horas certas e “sim” nos momentos necessários. Aprendi a dar muito mais valor para as minhas conquistas, sei que muito partiu de vocês, porém, a oportunidade de discernimento da escolha do melhor caminho fez com que eu me transformasse a partir de vocês.

À minha **mãe**, por me dar conforto e apoio nos momentos mais difíceis encontrados na vida e no momento de elaboração desta pesquisa. Você é a mulher mais incrível que conheço!

Ao meu **pai**, por ser um exemplo de perseverança, ainda que não saiba, muito de você, habita na construção da minha personalidade.

Ao meu **padrasto**, por ao invés de ensinar com críticas, mostrar a mesma situação de perspectivas diferentes, e assim, me dar o poder de encontrar a melhor solução para o inesperado.

À minha **madrasta** por vibrar com as minhas conquistas. As palavras de incentivo fazem toda a diferença.

Aos meus **irmãos** e **irmã**, nos momentos de carinho, risos frouxos e descontração frente a essa etapa da minha vida. **Família**, vocês são fundamentais.

Ao meu **namorado**, por me acalmar, aconselhar e me fazer acreditar que tudo daria certo. Por contribuir, literalmente, em algum momento, na confecção deste trabalho.

À professora **Bruna Barboza Seron**, por acreditar, lapidar e apoiar na confecção deste trabalho, desde seu início. Você é uma ótima profissional.

Ao doutorando **Vinícius Zeilmann Brasil**, por todas as sugestões, contribuições, explicações e apoio. Você foi essencial! Obrigada pela paciência no decorrer deste processo de aquisição do conhecimento.

Aos **fundadores** do **Projeto Sexto Sentido**, pela construção de um grupo onde é evidente a presença do altruísmo. O processo de desmistificação da pessoa com deficiência, é fator chave para a construção de uma sociedade sem pré-conceitos.

Por fim, aos que aceitaram meu convite para participar desta pesquisa, compartilhando suas histórias. Obrigada por todos os momentos ao lado de vocês. A perseverança de vocês é contagiante! Gratidão pelo aprendizado.

RESUMO

A corrida de rua é uma modalidade que vem ganhando cada vez mais adeptos devido a facilidade de sua prática e o baixo custo, sendo praticada também, por pessoas com deficiência visual, o que torna um fator importante, pois a prática esportiva leva a melhores indicadores na qualidade de vida das pessoas, porém, a facilidade de prática pode não ser encontrada por todos, ou seja, o discurso em lei de que o esporte é para todos, talvez tenha alguns entraves. Assim, esse estudo tem como objetivo identificar as barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual para a prática da corrida de rua. Trata-se de um estudo transversal, com abordagem qualitativa. Participaram desta pesquisa 7 indivíduos (4 homens e 3 mulheres), com idade entre 22 e 54 anos, com deficiência visual. Todos residiam em Florianópolis e Grande Florianópolis. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com todos os corredores, com a finalidade de levantar informações sobre as barreiras para a prática esportiva. Como resultados dos relatos obtidos, foram observadas maiores frequências nas barreiras urbanísticas e específicas do esporte, sendo relatadas por todos os participantes. Por fim, conclui-se que inúmeras são as barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual para a prática da corrida de rua, sendo suas causas diversas.

Palavras chave: Corrida de rua. Barreiras. Deficiência visual. Acessibilidade.

ABSTRACT

The street race is a mode that has been gaining more and more fans because of the ease of its practice and the low cost, being practiced also by people with visual impairment, which makes it an important factor, since the sports practice leads to better indicators in the quality of life of people, however, the ease of practice may not be found by everyone, that is, the legal discourse that sport is for everyone, may have some obstacles. Thus, this study aims to identify the barriers perceived by people with visual impairment to practice street racing. This is a cross-sectional study with a qualitative approach. A total of 7 individuals (4 males and 3 females), aged between 22 and 54 years, with visual impairment, all living in Florianópolis and Grande Florianópolis were interviewed. As a result of the reports obtained, there were higher frequencies in the urban and specific barriers of the sport, being reported by all the participants. Finally, it is concluded that there are numerous barriers perceived by people with visual impairment to the practice of street racing, and its causes are diverse.

Key words: Street race. Barriers. Visual impairment. Accessibility.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	JUSTIFICATIVA	12
1.2	OBJETIVOS	13
1.2.1	Objetivo Geral	13
1.2.2	Objetivos Específicos	13
2	REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1	CRESCIMENTO DA PRÁTICA DE CORRIDA DE RUA	15
2.2	A PRÁTICA ESPORTIVA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	17
2.2.1	Conceito e classificação da deficiência visual	19
2.2.1.2	Saúde da pessoa com deficiência visual	21
2.2.1.3	Atletismo para pessoas com deficiência visual	22
2.3	ACESSIBILIDADE E TIPOS DE BARREIRAS	26
2.3.1	Conceito de acessibilidade	26
2.3.1.2	Tipos de barreiras	27
2.3.1.3	Barreiras para a prática esportiva de pessoas com deficiência visual	28
3	MÉTODOS	31
3.1	CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	31
3.2	PARTICIPANTES DA PESQUISA	31
3.3	ASPECTOS ÉTICOS	31
3.4	LOCAL DA PESQUISA	32
3.5	INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS	32
3.6	PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS	32
3.7	ANÁLISE DOS DADOS	34
4	RESULTADOS	36
4.1	BARREIRAS URBANÍSTICAS	37
4.2	BARREIRAS ESPECÍFICAS DO ESPORTE	40
4.2.1	Barreiras pessoais	40
4.2.2	Barreiras organizacionais	42
4.2.3	Barreiras de recursos humanos	44
4.3	BARREIRAS ATITUDINAIS	45
4.4	BARREIRAS COMUNICACIONAIS E NA INFORMAÇÃO	48
4.5	BARREIRAS TECNOLÓGICAS	49

4.6 BARREIRAS ARQUITETÔNICAS.....	50
4.7 BARREIRAS NOS TRANSPORTES.....	51
5 DISCUSSÃO	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	73
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semi-estruturada.....	75
APÊNDICE C – Quadros de resultados por barreiras.....	76

1. INTRODUÇÃO

Dados apresentados pelo IBGE em 2015, revelam que 6,2% da população brasileira possui algum tipo de deficiência. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), a deficiência visual encontra-se como a mais representativa na população brasileira, acometendo 3,6% das pessoas. A Região Sul do Brasil, a menor das cinco regiões do país, foi a que teve o indicador mais elevado, representando 5,9% de pessoas, destes estados, com deficiência visual (IBGE, 2015).

O Relatório Mundial sobre a Deficiência, publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2011, destaca que as pessoas com deficiência visual possuem uma taxa de saúde precária. Em virtude das condições desiguais frente a pessoa com deficiência, àquelas que possuem deficiência visual enfrentam dificuldades para desempenhar atividades habituais, como por exemplo, pegar ônibus, deslocar-se, fazer compras, administrar o próprio dinheiro, dentre outras atividades inseridas no cotidiano dessas pessoas, sendo que os dados indicam que 16% da população com esta deficiência apresenta grau intenso ou muito intenso de limitações para as atividades anteriormente descritas (IBGE, 2015). Essas atividades atingem a adesão e aderência de outras tarefas, ou seja, caso houvesse a minimização de impedimentos para a adoção de hábitos saudáveis, haveria uma melhora significativa nos aspectos psicossociais, condições secundárias como, obesidade, diabetes, hipertensão e consequentemente traria benefícios aos cofres públicos com a diminuição de gastos com a saúde, nestes pontos (LIMA; GORGATTI; DUTRA, 2010).

Sabendo dos dados apresentados pela OMS por meio do Relatório Mundial sobre a Deficiência, quanto a saúde das pessoas com deficiência, acrescido dos dados do IBGE e relacionando estes dados com a atividade física, podemos perceber a relação positiva que esse hábito pode trazer para a vida dessas pessoas, se adequações, cabíveis e necessárias por conta das desigualdades frente as pessoas com deficiência forem concretizadas. A prática de atividade física segundo Rangel e Farias (2016), apresenta diversos pontos relevantes e importantes na melhora da qualidade de vida, como por exemplo, redução do percentual de gordura corporal, redução da pressão arterial pós exercício, melhora na sensibilidade a insulina, aumento de massa magra e óssea. O hábito de desenvolver atitudes saudáveis reflete, não apenas na redução de condições secundárias, como as doenças crônico-degenerativas e cardiovasculares, bem como na autonomia e independência dos indivíduos, mas também em aspectos psicossociais, como, a percepção corporal e percepção sobre sua qualidade de vida (SERON; ARRUDA; GREGUOL, 2015).

Rangel e Farias (2016), ainda relatam que todas as características importantes para uma vida saudável, podem ser alcançadas com a prática da corrida, sobretudo, pelas adaptações fisiológicas proporcionadas pela modalidade. Estes autores explicam o aumento no número de adeptos, relacionando os benefícios supracitados, com o baixo custo e a facilidade da prática, pois trata-se de uma modalidade que não requer custo elevado com materiais e que pode ser praticada em diversos tipos de ambientes.

Embora possua estas características, a facilidade da prática da corrida de rua não é encontrada por todos os indivíduos. Para as pessoas com deficiências, as barreiras para a prática de qualquer modalidade esportiva apresentam-se constantemente, a simples prática de corrida, para a pessoa com cegueira, tem a necessidade de um atleta guia. Na literatura há levantamentos que apontaram para as condições de saúde das pessoas com deficiência e que essas pessoas encontram barreiras para que possam beneficiar-se das práticas de atividade física e assim amenizar ou sanar as problemáticas referentes ao tema (SCHERER e LOPES, 2013). Porém, o Decreto nº 6949, de 25 de agosto de 2009, em seu artigo 30, acorda que as pessoas com deficiência possam participar de eventos esportivos e de lazer com igualdade de oportunidades com relação as demais pessoas (BRASIL, 2017).

No seu cotidiano, as pessoas com deficiência e dentre elas, àquelas com deficiência visual, encontram diversas barreiras, sendo barreiras pedagógicas, arquitetônicas, urbanísticas, nos transportes, tecnológicas, atitudinais, comunicacionais e de informação (SIQUEIRA e SANTANA, 2010). Entende-se por barreira pedagógica, as questões relacionadas aos métodos de ensino abordados pelo profissional, podem portanto, estar relacionadas com as barreiras atitudinais, ou seja, o comportamento pessoal frente a imposição de barreiras. Já as barreiras arquitetônicas, são as encontradas em edifícios e construções de um modo geral e as urbanísticas aquelas encontradas em ruas, vias, avenidas, espaços destinados ao uso coletivo, sendo particular ou privado. Quanto as barreiras nos transportes, são aquelas que impossibilitam ou dificultam o acesso da pessoa ao seu uso. As barreiras comunicacionais e de informação são aquelas que impossibilitam ou dificultam a expressão ou o recebimento de informações. Por fim, as barreiras tecnológicas são aquelas dificuldades ou impedimentos encontrados pelas pessoas com deficiência quando tentam utilizar as tecnologias existentes (MENDONÇA, 2013).

Quanto aos impedimentos, ou, as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência visual para a prática esportiva, no estudo de Jaarsma et al. (2014), envolvendo pessoas com deficiência visual ativas e inativas verificou-se que as respostas mais frequentes, foram, as barreiras pessoais, sendo a dependência de outra pessoa para os fisicamente ativos e a própria

deficiência visual para os inativos, quanto as barreiras ambientais relatadas pelos ativos, foram o transporte e a falta de possibilidades no bairro, enquanto os inativos apontaram para a falta de atividades com amigos, o custo das atividades e o transporte. Os autores ainda evidenciam a falta de supervisão qualificada, como uma barreira pessoal, relatada pelas pessoas com deficiência visual fisicamente ativas.

A deficiência “é um conceito que denuncia a relação de desigualdade imposta por ambientes com barreiras a um corpo com impedimentos” (DINIZ et al., 2009, p.65). Segundo os autores, as maiores barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência, com relação a experiência de desigualdade, acontece pela barreira social, sendo esta, o processo de inclusão e exclusão, neste, os corpos com impedimentos são ignorados. Ainda segundo os autores, esta desvantagem é imposta por um discurso de normalidade, onde vem sendo desenvolvido por questões culturais.

Ao reconhecer e compreender as condições em que a pessoa com deficiência visual é inserida na sociedade, juntamente com o desenvolvimento de políticas públicas e conscientização de uma sociedade construída em modelos intelectuais arcaicos, a possibilidade de inserção da pessoa com deficiência visual para a prática da corrida de rua, possivelmente, será melhor vista e facilitada pelas pessoas de um modo geral, pois as possibilidades e potencialidades serão atenuadas. Com a ascensão da adesão e aderência de pessoas com deficiência visual às práticas da corrida de rua, surge a seguinte questão: Quais as barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual para a prática da corrida de rua?.

1.1 JUSTIFICATIVA

Passou o tempo em que as pessoas com deficiência ficavam trancadas em lugares de difícil acesso, totalmente fora do convívio social, porém, a sociedade ainda precisa se reinventar e inventar novas possibilidades de participação e inclusão dessas pessoas, a todos os âmbitos, seja ele, social, cultural ou esportivo.

Muito se fala em acessibilidade arquitetônica, ou seja, o acesso aos locais onde as pessoas irão frequentar, porém, pouco se sabe das barreiras atitudinais e comunicacionais. Além disso, deixamos de nos perguntar o quão fácil, ou difícil, é o acesso aos esportes para esta população e quais as suas percepções sobre o tema.

Para que as pessoas com deficiência possam adentrar e participar de forma efetiva nos esportes, é necessário que adequações sejam feitas de acordo com a realidade destes indivíduos. Portanto, é necessário reconhecimento das limitações e das potencialidades destas

peças, neste processo de educação para uma vida ativa. É necessário disseminação do conhecimento para que todas as pessoas tenham acesso aos fatores importantes, quanto a adesão e aderência da pessoa com deficiência visual no esporte. Se as pessoas tiverem consciência da contribuição de cada um, no cotidiano esportivo de uma pessoa com deficiência, talvez o número de praticantes aumente ainda mais.

Para que profissionais possam elaborar e planejar programas de lazer, físico-esportivo, como é o caso da corrida ou até mesmo avaliar a adesão da população, é necessário a compreensão do contexto, como, as barreiras para a prática. Porém, a literatura é carente de estudos, tanto sobre as atividades habituais das pessoas com deficiência visual, quanto das barreiras enfrentadas por elas para praticar algum esporte. Além disso, o maior foco acontece com a população infantil e artigos na língua estrangeira, bem como, pesquisas envolvendo o campo médico (SCHERER e LOPES, 2013).

Esta pesquisa poderá contribuir para que novas políticas públicas sejam repensadas, feitas e refeitas quanto aos direitos igualitários das pessoas com deficiência se comparadas com as pessoas sem deficiência. Política pública esta, que já foi implementada em Curitiba, com o treinamento de pessoas para serem guias de corrida (PREFEITURA DE CURITIBA, 2017). Com este trabalho novas ideias poderão surgir, melhorando assim, a qualidade de vida daqueles que buscam ou que por motivos específicos, deixam de buscar a prática esportiva.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar as barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual para a prática da corrida de rua.

1.2.2 Objetivos Específicos

Este estudo busca, especificamente, identificar a percepção dos corredores com deficiência visual, sobre as barreiras:

- a) Arquitetônicas;
- b) Urbanísticas;
- c) Tecnológicas;
- d) Comunicacionais e na informação;

- e) Transportes;
- f) Atitudinais e
- g) Barreiras específicas do esporte (pessoais, organizacionais e recursos humanos).

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura deste estudo é composta por 3 tópicos, sendo o inicial uma abordagem referente ao crescimento da prática da corrida de rua, sua origem e popularização, bem como os motivos para ascensão do esporte. Em seguida, irá relatar a prática esportiva pela pessoa com deficiência visual, situará o leitor quanto ao conceito e classificação da deficiência visual, apresentando também, dados sobre a saúde desta população e mais especificamente a prática do atletismo, com questões sobre as regras e demais características. Quanto ao terceiro e último tópico, serão conceituados os termos centrais deste estudo, sendo a acessibilidade e as barreiras, bem como as principais enfrentadas pelas pessoas com deficiência visual, para a prática esportiva.

2.1 CRESCIMENTO DA PRÁTICA DE CORRIDA DE RUA

Em virtude dos avanços tecnológicos e das facilidades encontradas no dia-a-dia, a vida moderna torna a humanidade cada vez mais sedentária, se comparados com nossos ancestrais que percorriam cerca de 20km a 40km por dia com a prática da caça, pesca e coleta, e em nossas atividades atuais, percorre-se cerca de 2km, com isso, vemos que cada vez mais contrariamos os seus hábitos diários (WEINECK, 2003). Entretanto, vemos um aumento expressivo do número de pessoas que buscam a prática de uma atividade física, sendo as mais comuns aquelas que possibilitam seu desenvolvimento ao ar livre, como as caminhadas e corridas, tendo esta última como definição pela Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF), aquelas disputadas em avenidas, estradas e circuitos de rua com distâncias de 5 à 100 km, podendo ser denominadas também de pedestrianismo ou corrida rústica (SALGADO e MIKAIL, 2006; AGUIAR et al., 2011).

A corrida de rua teve origem e popularização na Inglaterra no século XVIII, expandindo-se para o restante da Europa e Estados Unidos, graças ao médico norte-americano Kenneth Cooper, reconhecido pelo famoso “Teste de Cooper”. Concomitantemente a isto, as provas de corrida de rua da década de 70 permitiram que a população participasse junto aos corredores de elite, porém, com diferenciação na largada por pelotões, esse aumento do número de praticantes e de provas aconteceu no Brasil em meados da década de 90 (DALLARI, 2009). No Brasil, as primeiras corridas de rua constam no início do século XX, com a Corrida de São Silvestre como a mais conhecida, tendo a sua primeira edição no ano de 1925, realizada em São Paulo, com 60 (sessenta) atletas concluindo a prova, já no ano de

2013 foram mais de 22.000 (vinte e dois mil) concluintes (ROJO, 2017), na edição mais atual, em 2016, segundo o *site* oficial da prova, houve o limite máximo de inscritos, sendo 30 mil participantes, dentre eles, 53 pessoas com algum tipo de deficiência, contando com 13 pessoas com deficiência visual (SÃO SILVESTRE, 2017).

Esse aumento crescente quanto ao número de praticantes da corrida de rua, é explicado pela facilitação de sua prática de um modo geral e pelo baixo custo que a modalidade proporciona, assim como a facilitação e conforto da prática atual, quanto a aquisição de materiais, adequação para diferentes locais e terrenos, como por exemplo, parques, ruas, avenidas, ciclovias e outros locais, tanto públicos quanto privados (FAGUNDES, 2015; GOSTON e MENDES, 2011).

Além dos facilitadores apresentados anteriormente para que haja a crescente do esporte e a massificação da modalidade, estudos sobre o perfil motivador para a prática apontam que a adesão está relacionada também com a preocupação com a saúde, auto-estima, aparência, possibilidade de prática ao ar livre, perda de peso, competitividade, controle da ansiedade e estresse, realização e superação pessoal, novas amizades e a preocupação com a qualidade de vida e o condicionamento físico (SANFELICE et al., 2017; TRUCCOLO; MADURO; FEIJÓ, 2008; BALBINOTI et al., 2015). Os autores relatam que a percepção das pessoas sobre a influência que as atividades aeróbias exercem no condicionamento físico e na adoção de um estilo de vida saudável, estão diretamente ligadas com a popularização da corrida de rua.

Carvalho et al. (1996), apontam desde aquela época, os benefícios do exercício físico. Os autores alertam que aqueles que estão/são fisicamente aptos e/ou treinados, podem apresentar menores indicadores de incidência para as doenças crônico-degenerativas, sendo as mais comentadas, como a hipertensão, acidente vascular encefálico (também conhecido como AVC), obesidade, osteoporose, ansiedade, depressão, câncer e diabetes tipo II. Ou seja, o conhecimento dos benefícios que a atividade física ou a prática esportiva acarreta na qualidade de vida dos indivíduos, reflete na procura por diferentes modalidades ou atividades.

Gonçalves (2007), aponta em seu estudo sobre a influência da corrida de rua sobre a qualidade de vida e o desempenho, que diversas adaptações fisiológicas são promovidas pela prática, dentre elas, os benefícios sobre a pressão arterial, para que a demanda de oxigênio para o corpo seja feita de forma correta. Portanto, diante de todo o exposto, a combinação de uma atividade física prazerosa e que traz tantos benefícios para a saúde, deve ser levada para muito mais indivíduos, tornando os indicadores de pobreza em saúde, cada vez menores, visto a facilidade e benefícios da modalidade.

2.2 A PRÁTICA ESPORTIVA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Com a finalidade de fomentar o esporte para pessoas com deficiência, entidades foram sendo criadas para que houvesse organização a nível nacional. O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), fundado em 30 de agosto de 1994, tem a função de administrar o esporte adaptado, atendendo as solicitações do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), sendo a ligação entre as associações, governos e iniciativas privadas com disposição ao incentivo do esporte. O IPC é o órgão governante global do movimento paralímpico, tendo como objetivo organizar os jogos paralímpicos de verão e de inverno e atuar como federação internacional para 10 esportes, supervisionando e coordenando campeonatos mundiais, dentre outras competições. Fundada em 22 de setembro de 1989, a organização tem como visão desenvolver oportunidades esportivas para as pessoas com deficiência, do nível iniciante ao alto rendimento. Para isso, é necessário contar com representantes, sendo a nível regional, nacional, internacional e federações (IPC, 2017).

A Associação Nacional de Desportos para Deficientes, foi a primeira associação de dirigentes do desporto, sendo fundada no ano de 1975, com a proposta de responder pelo desporto adaptado brasileiro, sendo que até o surgimento de demais associações, era ela quem respondia pela organização de uma forma geral (ARAÚJO, 1996).

A Federação Internacional de Esporte para Cegos (IBSA) é o órgão máximo de direção do desporto para cegos no mundo, estando filiada ao Comitê Paralímpico Internacional (IPC). Fundada em 1981 em uma reunião com representantes de 30 países, o órgão acredita que o esporte é uma das melhores maneiras de promover a integração na sociedade, tendo papel importante na auto-estima do indivíduo. O principal objetivo da IBSA é organizar atividades e competições esportivas, com a finalidade de oferecer condições igualitárias em competições para cegos e baixa visão (IBSA, 2017).

O esporte para pessoas cegas no Brasil, nem sempre teve uma organização. Somente em 1980 é que surgiu a ideia de criar uma entidade que pudesse coordenar os esportes para cegos no Brasil, porém, o amadurecimento desta ideia ocorreu no ano seguinte, em 1981, no Campeonato Nacional de Desportos para Deficientes Físicos, em Curitiba – PR. Nos anos de 1982 e 1983 aconteceram campeonatos de futebol para pessoas cegas, fazendo com que o projeto de criação de uma entidade coordenadora do esporte para pessoas cegas no Brasil, fosse acelerado, nascendo assim, a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos – CBDC. No dia 19 de janeiro de 1984, em uma sessão do Conselho Nacional de Desportos,

houve a assembléia definitiva objetivando a efetivação da entidade. (VERÍSSIMO e RAVACHE, 2006).

A Confederação Brasileira de Desporto para Cegos, têm como principal diretriz fomentar e desenvolver o desporto para cegos e baixa visão no Brasil, com representação nacional e internacional (SOUSA, 2017). Atualmente a entidade denomina-se Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais, com a administração de 5 modalidades, sendo: Futebol de 5, *Golball* (masculino e feminino), Judô, Atletismo e natação, porém, dentro do próprio *site* da Confederação, ainda consta o *powerlifting* (CBDV, 2017).

O futebol de cinco, ou futebol de cegos como também é conhecido, é uma adaptação do futsal convencional. Em 1978 ocorreu o primeiro campeonato de futebol com jogadores cegos, e a primeira Copa Brasil foi em 1984. As equipes são formadas por 5 jogadores em quadra, sendo 4 com cegueira e o goleiro que pode ter baixa visão ou nenhum comprometimento visual. A equipe conta ainda, com um chamador, que fica atrás do gol adversário. O jogo é dividido em dois tempos de 25 minutos, com 10 de intervalo. Para que haja dinamicidade no jogo, são colocadas proteções nas laterais. Toda vez que o atleta for em busca da bola ou for realizar uma disputa, deve emitir a palavra “MINHA”, “VOY” ou “GO”. Além disso, uma das adaptações importantes para que ocorra o jogo, são os guizos colocados dentro da bola, para que os jogadores possam localizá-la (SIMIM, 2015). Porém, as pessoas com deficiência visual buscaram adaptações ao jogo antes mesmo de a modalidade ser regulamentada (MORATO et al., 2011).

Contrariando a criação de outras modalidades esportivas, o Goalball não sofreu adaptações das já existentes, esse esporte foi criado visando a reabilitação dos veteranos que ficaram cegos após a 2ª guerra mundial, com a finalidade de desenvolvimento de capacidades físicas e de concentração (AMORIM et al., 2010). O jogo é disputado por 2 equipes com 3 jogadores cada, em campo, mais 3 jogadores reservas. O jogo baseia-se na troca de bolas através de lançamentos, sendo ele, feito com as mãos, porém, a defesa pode ser realizada com qualquer parte do corpo, sendo que, geralmente, os jogadores deitam-se na quadra, fazendo com que a possibilidade de bloqueio aumente (MORATO et al., 2012).

O judô para pessoas cegas e com baixa visão teve início em 1982, no Instituto Benjamin Constant, reconhecido como referência nacional na área da deficiência visual. Para que a luta possa ocorrer, algumas adaptações são necessárias, como por exemplo, indicação na manga do quimono quando um atleta possui cegueira total, ou na parte de trás do quimono quando é surdo. Essas alterações são realizadas para que os árbitros consigam aplicar as regras específicas para cada necessidade (VIEIRA e SOUZA JÚNIOR, 2006). Além dessas,

uma outra diferença do esporte para as pessoas com deficiência visual, se comparado com o convencional, é que os atletas já iniciam a luta em contato com o quimono do oponente. Em 1988 a modalidade estreou nas paralimpíadas de Seul, apenas com disputas masculinas, sendo a participação feminina inclusa nos jogos de Atenas em 2004 (CBJ, 2017).

A primeira competição internacional na natação para pessoas com baixa visão ou cegueira, ocorreu na França em 1970, sendo que a inclusão nas paralimpíadas ocorreu em 1976 em Toronto, Canadá. Porém, somente em 1986 no VIII Campeonato Mundial é que houve a participação brasileira em competições internacionais. Para que o nadador consiga ter melhor aproveitamento da sua técnica na hora de executar as viradas, assim como a sua segurança, é utilizado o *tapping*. O *tapping* ou “golpe suave” é o aviso dado ao atleta quando está se aproximando da borda da piscina, de forma que não atrapalhe o nado, alertando o atleta na cabeça, costas, peito ou mão, de que chegou o momento de parar ou realizar a virada. O local e o momento do aviso, dependerá do estilo nadado e da preferência do nadador, sendo que tudo é combinado com o *tapper*, nome dado à quem realiza o toque. Esta técnica foi introduzida por um casal canadense e adotada no mundo todo, por sua simplicidade e relevância (ABRANTES; LUZ; BARRETO, 2006)

O atletismo é composto basicamente por todas as provas que constam nas regras oficiais da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), com exceção do salto com vara, lançamento do martelo, corrida com barreiras e obstáculos (SOUZA e BRUEL, 2012). Dentre todas as provas, a corrida de rua também faz parte do calendário de competições de atletas com deficiência visual (CPB, 2017). Portanto, a crença de que as pessoas com deficiência visual são capazes de praticar qualquer tipo de atividade esportiva, e a mobilização de pessoas engajadas em movimentos em prol da pessoa com deficiência e seu desenvolvimento como pessoa, acarreta na maior visibilidade das reais potencialidades que todas as pessoas possuem.

2.2.1 Conceito e classificação da deficiência visual

A visão é o sentido mais importante e usado em todo o nosso cotidiano. A pessoa com deficiência visual é privada deste sentido, fazendo com que se possa supor que este indivíduo tem e terá algumas restrições, mas que com algumas adaptações, este poderá realizar todas as suas atividades. Porém, se as informações não chegam através da visão, os outros sentidos é que dão possibilidade de conhecer o mundo (NUNES e LOMÔNACO, 2008).

A deficiência visual possui diversas definições, dentre elas, alguns autores relatam que é uma condição de caráter irreversível de diminuição da resposta visual, podendo ser

ocasionada por questões hereditárias (genética) ou congênitas (quando nasce com, ou seja, antes ou durante o nascimento) e muitas vezes adquiridas (quando adquire em qualquer outro período da vida), que mesmo após intervenção cirúrgica ou o tratamento clínico e o uso de óculos, não pode ser corrigida (ALMEIDA e ARAÚJO, 2013; BOAS e FERREIRA, 2010). De acordo com os autores, dentro da diminuição da resposta visual estão a deficiência visual leve, moderada, severa e profunda, sendo que estas compõem o grupo denominado de visão subnormal ou baixa visão como é mais usado e conhecido, abarca ainda a ausência total de visão, ou seja, aqueles indivíduos que possuem a cegueira.

A definição de baixa visão é vista de forma complexa, pois existe uma variedade e intensidade de comprometimentos das funções visuais, sendo englobadas desde a simples percepção de luz, até a redução da acuidade visual, podendo interferir ou limitar a execução de tarefas e o desempenho geral. As duas formas comumente usadas para avaliação da capacidade visual, para que seja definido se o indivíduo possui estas funções ou não, são o campo visual e a acuidade visual (NUNES e LOMÔNACO, 2008). A acuidade visual é entendida como a capacidade de o indivíduo enxergar formas, sendo obtida por intermédio de parâmetros padrões quanto a normalidade da visão, já o campo visual designa-se a amplitude e a abrangência do ângulo da visão, ou seja, a área que a pessoa é capaz de enxergar (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007).

Uma das características marcantes da prática esportiva pelas pessoas com deficiência visual, é referente à classificação esportiva de acordo com a sua capacidade visual, ela apresenta-se em distintos níveis e é dividida em 3 grupos, sendo eles: B1: pessoas com cegueira, podendo ou não, ter percepção luminosa, porém sem conseguir distinguir o formato de uma mão, se colocada na frente de seus olhos ou a qualquer distância e em qualquer direção; B2: estão aqueles com baixa visão com campo visual inferior a 5° e/ou acuidade visual de até 2/60; B3 ou com capacidade para reconhecer o formato de uma mão: é a categoria para os atletas que possuem campo visual entre 5 e menos de 20° e/ou acuidade visual entre 2/60 e 6/60.

A letra B refere-se ao termo *blind*, que significa “cego”. Todas as medidas são feitas em ambos os olhos, porém, para serem usadas como critério de classificação, serão utilizadas aquelas aferidas no melhor olho e com a melhor correção óptica possível (OLIVEIRA et al., 2007). Essa classificação oftalmológica é a forma com que a Federação Internacional de Esportes para Cegos – IBSA adotou para legitimar ou não a participação de pessoas com deficiência visual em competições oficiais, sendo também adotada pela Confederação

Brasileira de Desportos para Cegos ou Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais, como é nomeada hoje (ABRANTES; LUZ; BARRETO, 2006).

Em virtude dos diversos esportes em que as pessoas com algum tipo de deficiência participam de forma competitiva, bem como o grau em que se apresentam, fez-se necessário o surgimento de um sistema de classificação funcional. O sistema tem como objetivo oferecer condições igualitárias de competição, independentemente da natureza ou grau da deficiência, ou seja, ocorre uma homogeneização entre aspectos da capacidade física e competitiva, abarcando deficiências semelhantes em um grupo definido (CARDOSO e GAYA, 2014).

2.2.1.2 Saúde da pessoa com deficiência visual

Qualidade de vida é um conceito amplo e complexo, sendo norteado não só pela saúde física, mas pelo estado psicológico, nível de independência, relações sociais e fatores ambientais. Todos estes fatores pertencentes a qualidade de vida, estão intimamente ligados com a saúde do indivíduo, pois trata-se da forma como este percebe sua posição na vida e nos mais diversos contextos culturais e sociais, relacionados aos seus objetivos, expectativas, padrões e percepções (REBOUÇAS et al., 2016).

Silva et al. (2014), afirmam que a saúde da pessoa com deficiência visual é afetada em todos os seus aspectos, o que gera déficits em sua qualidade de vida. Os autores apontam as questões das atividades básicas e instrumentais de vida diária, como fatores limitantes para a pessoa com deficiência visual, sendo algumas delas: Vestir-se, tomar banho, ir ao banco ou supermercado. Apontam ainda, limitações nas atividades sociais, sejam de lazer ou trabalho, juntamente com as individuais, como os fatores físicos e socioambientais, sendo, barreiras arquitetônicas e atitudinais.

Corroborando com os resultados acima mencionados, um estudo avaliando a qualidade de vida em adolescentes com deficiência, utilizando como instrumento o WHOQOL, encontrou que o meio ambiente é o domínio mais prejudicado da qualidade de vida entre os adolescentes entrevistados, assim como os outros estudos que os autores trouxeram, evidenciaram que estes achados não se referem apenas para estes adolescentes, mas sim em diferentes populações. Os autores mostram-se preocupados, pois uma mudança nestes fatores depende de investimentos governamentais, não sendo possível a atuação de forma individual, pois envolve poluição, ruído, trânsito, clima, transporte, oportunidade de lazer, disponibilidade de informações, segurança, proteção e falta de acessibilidade, fato que gera grandes dificuldades de locomoção. (TORRES e VIEIRA, 2014).

Utilizando o mesmo instrumento acima relatado, porém agora utilizando a população adulta, ou seja, maiores de 18 anos, Rebouças e colaboradores (2016), também encontraram que o domínio meio ambiente é visto como o mais prejudicado. Os autores tabularam os achados das facetas do instrumento dispondo os resultados em ordem crescente, estando com os menores índices a participação/oportunidades de recreação/lazer, sendo que nestas atividades a oportunidade de relacionar-se pessoalmente é muito grande, o que poderia influenciar na qualidade de vida destas pessoas, pois relações sociais é um dos domínios utilizados pelo instrumento. Os mesmos autores apontam ainda que o estudo é de extrema relevância, pois esta área carece de explicações quando o assunto é a pessoa com deficiência visual, outro aspecto que destacam como relevante é que ninguém melhor do que o próprio indivíduo para falar sobre sua qualidade de vida.

Seron e colaboradores (2012), tiveram como intuito mostrar a prática habitual de atividade física entre adolescentes com deficiência visual e obtiveram como resultado que os seus níveis se encontram abaixo daqueles considerados positivamente compatíveis com a manutenção da saúde, sendo os dados mais agravantes e preocupantes, aos finais de semana. Os autores acreditam que essa falta de prática esteja relacionada com a falta de oportunidades de vivências de lazer ativo, insegurança nos deslocamentos e passividade motora, sendo comumente encontrada em pessoas com deficiência visual. Como exposto anteriormente, este fator pode estar relacionado com a qualidade de vida do indivíduo.

Um outro estudo avaliando a qualidade de vida, dessa vez de crianças atendidas de forma precoce com relação a estimulação visual antes e após intervenções reabilitacionais, alcançou resultados satisfatórios, sendo visto nos dois grupos (menores de 3 anos e maiores de 3 anos). Esses resultados colaboram com o intuito da estimulação precoce, sendo, tentar despertar na criança, o interesse por agir sobre o ambiente, bem como prevenir deficiências secundárias (MESSA; NAKANAMI; LOPES, 2012). Ou seja, quanto mais o indivíduo tentar relacionar-se com o meio ambiente, maiores serão as aquisições de habilidades, experimentações, vivências e possibilidades, refletindo em sua qualidade de vida.

2.2.1.3 Atletismo para pessoas com deficiência visual

O desporto paralímpico, nos últimos anos, evoluiu de forma significativa tendo em vista os resultados alcançados pelas pessoas, com o número de recordes crescendo cada vez mais, tanto em modalidades individuais quanto coletivas, bem como nas performances quanto ao aspecto técnico e tático (GORLA et al., 2017). Para que seja possível a fomentação do

esporte para a pessoa com deficiência visual, são necessários recursos que ofereçam condições iguais de competição entre os atletas. A participação em eventos esportivos para as pessoas com qualquer tipo de deficiência, tem como característica, a classificação dos atletas, e no caso da deficiência visual, ela acontece pela capacidade visual, que se apresenta em distintos níveis (OLIVEIRA FILHO et al., 2007).

Apesar de a classificação da IBSA ser muito utilizada, a nomenclatura adotada não é a mesma abraçada pelo Comitê Paralímpico Internacional nas provas de atletismo regidas por ele. Nestes esportes, as classes vão de T11-T13 e F11-F13, seguindo os mesmos princípios de B1-B3, sendo o “T” vindo do inglês *track* e o “F” de *field*, ou seja, designação para provas de pista e campo respectivamente (VERÍSSIMO e RAVACHE, 2006).

Um estudo feito por Ravensbergen, Mann e Kamper (2016), buscou por consenso de especialistas, evidenciar as necessidades que a classificação esportiva ainda tem, nas modalidades disputadas por pessoas com deficiência visual. Como resultado, os pesquisadores encontraram o acordo entre os especialistas de que o atual sistema de classificação não é o suficiente para abarcar todas as modalidades, pois não atende as suas demandas. Vale ressaltar em um dos achados, que houve um consenso entre os especialistas (acordado em 80%), de que a avaliação da acuidade visual e campo visual não são suficientes para alocar de forma adequada um atleta em uma classe esportiva, foi então perguntado quais outros critérios poderiam ser adicionados e a resposta dos 3 pontos mais expressivos foram: 1º Sensibilidade ao contraste, 2º Acuidade visual dinâmica e/ou campo e 3º Sensibilidade à luz. Outros pontos foram levantados, e em alguns, acordou-se que se houvessem a adoção das medidas, tornaria a classificação muito complexa e com um número muito extenso de classes. Porém, como um aspecto importante apontado para futuras pesquisas, os especialistas relataram que os métodos atuais, sendo, a acuidade visual avaliada usando um gráfico logMAR e o Teste de Visão Rudimentar de Berkeley 10, e o campo visual avaliado usando a perimetria Goldman, Humphrey ou Octopus, poderiam ser melhor estudados e aprimorados.

Apesar de o Comitê estar sempre em evolução com relação a classificação esportiva, sendo que para as deficiências, exceto a visual, houve uma evolução de padrões médicos para uma perspectiva de análise do movimento, ou seja, para a classificação esportiva funcional, as medidas adotadas para a deficiência visual continuam as mesmas. O atual sistema de classificação não leva em consideração a funcionalidade da capacidade visual durante a competição, sendo ela, baseada de forma única e exclusiva pelos parâmetros médicos (OLIVEIRA FILHO et al., 2007).

O sistema de classificação é utilizado segundo Marques, Gutierrez e Almeida (2012), com o objetivo de “garantir a legitimidade das competições e seus resultados”, ou seja, deve garantir que o nível de treinamento, condição física, habilidades e motivações sejam os fatores decisivos para os resultados alcançados e não o grau ou tipo de deficiência, pois estes fatores poderiam gerar desigualdades em seus respectivos desempenhos esportivos. Além disso, os autores apontam que é por meio deste sistema que há o estabelecimento dos sujeitos elegíveis para as competições. Entende-se por elegível, a pessoa que de fato possua alguma deficiência que a qualifique para o esporte paralímpico.

Dentre os mais de 70 países filiados à Federação Internacional de Desportos para Cegos (IBSA), o atletismo é hoje o esporte mais praticado. Essa difusão, ocorre pelo fácil acesso e a naturalidade dos movimentos, sendo que correr, saltar, lançar e arremessar são atividades relacionadas com a sobrevivência do homem (VERÍSSIMO e RAVACHE, 2006). Como visto no tópico 2.2, o atletismo para as pessoas com deficiência visual abrange praticamente todas as provas, compostas oficialmente nas regras da Federação Internacional (IAAF), exceto salto com vara, lançamento de martelo, corrida com barreiras e obstáculos. Sendo que os atletas precisam passar por critérios de elegibilidade, conforme explicado no tópico 2.2.1.

Os autores acima mencionados destacam que a forte ascensão desta modalidade, possivelmente, está relacionada com o desempenho dos atletas, sendo a conquista de 12 das 16 medalhas, pelos atletas com deficiência visual, nos jogos de Atenas. Destas 12 medalhas, 2 foram de ouro, 6 de prata e 4 de bronze, com o destaque da velocista Ádria Santos, sendo considerada a maior medalhista feminina cega da história paralímpica brasileira. Ádria é especialista nos 100, 200 e 400 metros rasos.

Segundo Felipetto et al. (2013), as provas praticadas pelas pessoas com deficiência visual no atletismo são as corridas de velocidades (100, 200 e 400m), também denominadas de corrida rasa, corridas de meio fundo (800 e 1.500m), corridas de fundo (5.000 e 10.000m), corridas de revezamento (4x100 e 4x400 metros), corridas de pedestrianismo (provas de rua e maratona), saltos (triplo, distância e altura), arremesso de peso, lançamentos (dardo e disco) e provas combinadas (pentathlon – disco, peso, 100, 1500 e distância).

Segundo a IBSA (2017), as regras da IAAF são seguidas criteriosamente pelos atletas da classe B3, porém, para as deficiências visuais mais graves (B2 e B1), existem modificações necessárias, quanto aos ajustes às instalações de atletismo, ou a maneira como são usadas, sendo que a maioria dessas modificações regulam a forma como as classes mais graves podem receber auxílio (assistência) de guias ou informações auditivas para as provas de

campo, por exemplo. Segundo a Federação, essas pequenas modificações possibilitam o desempenho de uma competição autêntica.

Visto a possibilidade de pessoas com deficiência visual participarem de corridas de rua, também chamadas de pedestrianismo, os atletas precisam de um guia conforme explicitado pela IBSA. Perez (2008), em sua dissertação de mestrado sobre as motivações dos guias de atletas com deficiência visual, aborda sobre as responsabilidades dos guias, sendo designado à eles, o papel de orientar o atleta conduzindo-o ao longo de seu trajeto, dando as devidas noções de espaço, bem como orientação sobre os obstáculos, como os buracos, lombadas, pessoas ou quaisquer outros eventos que venham a interferir no andamento da prova. O autor ainda ressalta a importância de o atleta-guia (como é chamado o guia de atletas com deficiência visual), e o atleta-cego estarem lado a lado.

Segundo as normas para participação de atletas com deficiência em corridas de rua, regulamentadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), os atletas da classe T11 devem ter de forma obrigatória o uso de um atleta-guia. Já na classe T12, o uso é opcional, porém, aqueles classificados como T13, deverão competir nas mesmas regras do atleta regular, sendo este princípio seguido por aqueles corredores classificados como T12 que optarem por correr sem o auxílio do atleta-guia. A forma de condução usada atualmente nas competições, acontece por meio de uma corda, que liga ambos os atletas através dos braços, mãos ou dedos, sendo o local, conforme preferência da dupla. Durante a competição é vetado que o atleta-guia empurre ou puxe o atleta-cego. Para fins de identificação, a organização da corrida deverá fornecer ao atleta-guia um colete de cor laranja.

Begossi e Mazo (2016) realizaram um estudo sobre o processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil, analisando também, fontes orais, das quais foram realizadas 3 entrevistas com atletas que vivenciaram o esporte antes da criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Neste estudo, os autores realizaram uma entrevista e posterior transcrição com exposição de um dos relatos, sendo que a pessoa identificada como BVL diz que na época não existia muita tecnologia e que as competições não eram feitas com atletas-guias como hoje, sendo, o treinamento em pista realizado por uma corda, sem ter qualquer entendimento sobre treinamento ou competições. Eram fixadas duas estacas, no início e fim dos 100 metros, por exemplo, conectadas através de uma corda, e para que os atletas se movimentassem, usavam uma corda menor em uma das mãos, de forma que esta deslizesse sobre aquela que estava estendida ao longo da pista.

Com tantas evoluções, sejam tecnológicas ou implementos materiais simples, é possível ver que o esporte pode crescer cada vez mais, o esporte pode abarcar cada vez mais

peças com diferentes tipos de desenvolvimento e expressão. Porém, estas questões serão evidenciadas e conhecidas se as barreiras diárias forem transpostas.

2.3 ACESSIBILIDADE E TIPOS DE BARREIRAS

Segundo Nogueira (2007), a acessibilidade é uma das questões centrais quando remete-se ao pleno exercício da cidadania pelas pessoas com deficiência. Ou seja, devido as dificuldades encontradas nos transportes públicos, locomoção urbana, dentre outras barreiras, estes indivíduos deixam de praticar os seus direitos de ir e vir, refletindo na falta de participação em setores como educação, transporte e lazer. Para Barrozo et al. (2012), a acessibilidade não se restringe apenas a possibilidade de adentrar ao ambiente, mas sim, ter o direito da participação ativa na sociedade, tratando-se, segundo os autores, de uma questão de cidadania e inclusão.

Carvalho (2006) apud Silva e Rodrigues (2009), afirmam que o favorecimento de transformações das práticas sociais é mais relevante do que adotar medidas políticas e legislativas, dado que, há uma forte crença de que o fator determinante do efeito de uma deficiência ou “incapacidade” na vida cotidiana de uma pessoa, é decorrente do meio ambiente.

2.3.1 Conceito de acessibilidade

A Lei Nº 13.146 de 6 de julho de 2015 define acessibilidade como:

A possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.

Os tipos de acessibilidade destacados pela lei acima citada refere-se a acessibilidade arquitetônica, ou seja, edifícios e demais equipamentos urbanos; Comunicacional, que vão desde o contato interpessoal até os veículos de mídia; Metodológicos, referentes ao método escolar, profissional, social, cultural e artístico; Instrumental, sendo os instrumentos ou ferramentas utilizadas no cotidiano escolar, profissional, comunitário, turístico ou esportivo; Programática, sendo as barreiras invisíveis em políticas públicas, leis, decretos; Atitudinal, contemplando o preconceito, paradigmas e estereótipos.

2.3.1.2 Tipos de barreiras

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nº 13.146, de 6 de julho de 2015, presente no estatuto da pessoa com deficiência, as barreiras são caracterizadas por qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento limitante ou que impeça a participação social da pessoa, assim como o gozo, o usufruto e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, assim como a liberdade de comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros aspectos, classificados como:

- Barreiras urbanísticas: encontradas nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo;
- Barreiras arquitetônicas: existentes em edifícios públicos e privados;
- Barreiras nos transportes: encontradas no sistema e meios de transporte;
- Barreiras comunicacionais e na informação: qualquer obstáculo, entrave, atitude ou comportamento que resulte em uma dificuldade ou impossibilidade de expressão ou recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas e tecnologia de comunicação e informação respectivamente;
- Barreiras atitudinais: situações em que outras pessoas, por suas atitudes ou comportamentos, impossibilitem ou afetem de alguma forma, a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de oportunidade e condições com as outras pessoas;
- Barreiras tecnológicas: aquelas encontradas nas tecnologias existentes, como a dificuldade ou impedimento de acesso pelas pessoas com deficiência (BRASIL, 2017).

Uma pesquisa bibliográfica feita por Torres, Mazzoni e Melo (2007), observou que as pessoas enfrentam em seu dia-a-dia, para desempenhar suas atividades cotidianas, bem como o exercício do direito e dever da participação social, barreiras e facilitadores, sendo que os autores apontam a percepção subjetiva para diferentes acontecimentos, ou seja, o que é barreira para um, pode não ser para outro. O estudo afirma ainda, que algumas pessoas com deficiência sensorial, são capazes de transpor barreiras encontradas quanto ao acesso à informação e comunicação, porém, o mérito está todo no indivíduo, alcançados, impreterivelmente, pelos seus esforços próprios.

2.3.1.3 Barreiras para a prática esportiva de pessoas com deficiência visual

Uma das características marcantes da prática da corrida de rua, é a facilidade com que a modalidade recebe qualquer praticante, pois o corredor não precisa ter habilidades específicas para efetivar sua participação (TRUCCOLO; MADURO; FEIJÓ, 2008), porém esta, não está livre de barreiras para sua prática. Para Machado et al. (2015), os fatores que dificultam a prática de atividades físicas pelas pessoas com deficiência visual, são as barreiras arquitetônicas, a falta de capacidade de profissionais, a falta de informações para as pessoas com deficiência e para seus familiares. O estudo citado anteriormente, feito em uma escola, identificou que as barreiras para a falta de prática abrangem os espaços físicos, além de barreiras sociais, sendo este, um processo de inclusão/exclusão de determinados grupos e por fim, a própria deficiência enquanto fator limitador.

Ao encontro de todas as informações até então explanadas, Carvalho (2006) apud Silva e Rodrigues (2009), relatam que os maiores limitantes ao acesso de pessoas com deficiência ao esporte em nosso país, são os mesmos enfrentados pela comunidade Européia e grande parte dos países, dentre esses fatores limitantes relatos pelos autores, estão as barreiras arquitetônicas, acessibilidade e mobilidade junto aos equipamentos e instalações esportivas, o transporte, a falta de profissionais qualificados e de meios de comunicação social, falta de investimentos e com o acréscimo de um ponto importante, poucos eventos desportivos, ou seja, a falta de propagação de conteúdo, de conhecimento, desencadeando em menor abrangência populacional.

Trazendo ainda os mesmos resultados vistos neste tópico, Alves e Duarte (2005), em seu estudo intitulado “A inclusão do deficiente visual nas aulas de educação física escolar: impedimentos e oportunidades”, com o objetivo de agrupar o maior número possível de informações presentes na literatura científica, referente ao tema, apontam que a questão norteadora da exclusão desses alunos nas aulas de educação física, acontece em virtude da falta de preparação profissional qualificada, sendo que os professores, sentem-se despreparados e incapazes de articular a inclusão desses alunos. Os autores apontam como solução para o problema, o estímulo de uma preparação profissional de qualidade, com informações referentes a metodologia e estratégias de ensino que auxiliassem neste processo, sendo elas referentes às adaptações que podem ser realizadas nas aulas de educação física, recursos esportivos e recreacionais. Segundo eles, essa barreira se refere ao currículo e com as atividades propostas nas aulas, sendo que as atividades de basquetebol, futebol, voleibol, são

desencorajadas pelos professores, mas que, se adaptadas, poderiam facilmente adentrar como uma de suas atividades rotineiras, com o implemento de guizos, guias e outras ideias.

Morgado et al. (2013), em seu estudo sobre as barreiras e os facilitadores percebidos pelas pessoas com cegueira congênita para a prática de atividade física, encontraram, como principais, 6 barreiras, sendo de cunho social, ambiental e pessoal destacadas pelos participantes. A barreira social sendo a superproteção da família e despreparo do professor de educação física; A barreira ambiental referente a infraestrutura limitada nos centros de atividade física e por fim, a barreira pessoal, sendo as dificuldades na habilidade espacial e coordenação motora e o sentimento de exclusão das aulas de educação física.

Os estudos trazem enfaticamente, as barreiras ambientais, ou urbanísticas, como as condições primordiais quando uma pessoa com deficiência tenta manter-se ou iniciar no esporte (CARDOSO, 2011). O estudo feito por Mezzaroba et al. (2012) confirma este fator, para os autores, há escassez de políticas públicas voltadas à acessibilidade dos cidadãos. O estudo apresenta diversas leis, e aponta para o fato de que apesar de o lazer estar previsto na Constituição Federal em igualdade a educação, saúde e trabalho, para que haja o pleno exercício da cidadania, essas leis e decretos são descumpridos. Apontam para questões de sinalização tanto tátil quanto visual, disposição dos pisos podotáteis, em locais destinados à prática esportiva, que apresentam-se de forma irregular, impossibilitando ainda mais a prática pelas pessoas com deficiências e dentre elas, as que possuem deficiência visual.

Corroborando com o estudo acima relatado, Kirchner, Gerber e Smith (2008), afirmam que os obstáculos à atividade física por pessoas com deficiência persistem, apesar dos requisitos legislativos. Para responder a questão norteadora destas barreiras, acreditam que possa haver ligação com a falta de conhecimento por parte dos formuladores de políticas públicas urbanas, planejadores e construtores.

Jaarsma et. al. (2014) no estudo intitulado “Barreiras e facilitadores da participação desportiva em pessoas com deficiência visual” encontraram diferentes barreiras, porém, em conformidade com as que já vem sendo estudadas pelos demais autores. Neste estudo, os autores alocam a barreira nos transportes como barreiras ambientais, sendo a mais importante, assim como, na barreira pessoal, a dependência de outra pessoa. A própria deficiência visual foi relacionada às barreiras para a prática esportiva. Este estudo foi realizado na Holanda, com 4.838 pessoas, sendo que 4.763 abordadas para participar respondendo o questionário on-line e 75 pessoas para realizar a entrevista por telefone.

A corrida de rua é uma modalidade relativamente simples de ser praticada, porém, a sociedade fecha os olhos e tapa os ouvidos para questões possíveis de serem modificadas.

Caso as barreiras encontradas pelas pessoas com deficiência fossem minimizadas, com o simples cumprimento de leis e decretos, talvez mais pessoas se proporiam a praticar esporte e viriam a beneficiar-se deste. A divulgação/propagação do conhecimento das inúmeras potencialidades que o esporte pode acarretar na vida de uma pessoa com deficiência, o investimento em pequenas assistências e a mudança de comportamentos, vistos como culturais, serviriam de alicerce para que ainda mais evoluções ocorressem no âmbito esportivo da pessoa com deficiência visual.

3. MÉTODOS

Este tópico apresentará as características de pesquisa adotadas, os participantes do estudo, os instrumentos, os procedimentos e a análise dos dados utilizadas para obtenção de resultados.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

Trata-se de um estudo de corte transversal, sendo caracterizado, de acordo com a sua natureza, como uma pesquisa aplicada, a qual tem a intenção de gerar conhecimento para aplicação prática, direcionados para a solução de problemas específicos (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009). Com relação a abordagem, esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, exploratória, sendo necessário o uso de recursos e técnicas para a captação da essência do relato dos participantes, para que haja uma interpretação hermenêutica (FONSECA, 2002). Do ponto de vista de seus objetivos, esta pesquisa está caracterizada, segundo Gil (2002), como descritiva exploratória, pois visa a descrição das características de uma população ou um fenômeno, ou ainda o estabelecimento de relações entre variáveis, podendo colaborar, portanto, com estudos posteriores.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram do estudo 7 pessoas com deficiência visual de ambos os sexos, sendo 3 pessoas do sexo feminino e 4 do masculino. A escolha destes, foi por conveniência, pelo fato de a pesquisadora conhecer o Projeto Sexto Sentido e seus integrantes, o qual, todos os entrevistados faziam parte. A escolha deu-se ainda, pela manifestação de interesse e disponibilidade em participar da pesquisa, bem como, realizar treinos nas ruas e participar de competições no mesmo âmbito. Não houveram grandes limitações referente a quantidade de vezes em que o participante treinava por semana, por, talvez, essa questão estar ligada com algum tipo de barreira.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS

Após o aceite do convite de participação na pesquisa, foi enviado a cada um dos participantes, virtualmente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), explicando sobre o trabalho, os riscos e benefícios advindos de sua colaboração, e os direitos

de cada participante. Subsequentemente, antes de dar início a entrevista, o pesquisador levou duas vias deste documento, o qual os participantes tiveram que assinar.

Com o termo assinado, a obtenção do áudio de cada entrevista, foi realizada após o consentimento dos entrevistados, com o objetivo de posterior análise dos conteúdos.

3.4 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na cidade de Florianópolis e Grande Florianópolis, capital de Santa Catarina, onde, segundo os dados do IBGE, encontra-se como a região com os maiores indicadores de deficiência visual, se comparada com as demais regiões do País (IBGE, 2015). As entrevistas ocorreram nos locais em que os participantes propuseram, para que se sentissem mais à vontade para se expressar, além, de respeitar os locais conhecimentos pelos entrevistados, evitando possíveis transtornos quanto a mudança de rotina. Todas as entrevistas foram agendadas previamente, conforme disponibilidade tanto do entrevistado, quanto do entrevistador. Procurou-se realizar a coleta, em ambientes sem grandes interferências externas, para que houvesse total aproveitamento dos dados obtidos, quando fossem analisados.

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um roteiro de entrevista, semi-estruturado, com questões fechadas e abertas, sendo, 4 e 9, respectivamente (Apêndice B). As questões fechadas foram realizadas com o intuito de caracterizar os participantes da pesquisa, já as questões abertas foram compostas por perguntas referentes a percepção sobre as barreiras enfrentadas pelos participantes para realizarem treinos e competições no âmbito das corridas de rua. O repertório abrangeu perguntas sobre os diferentes momentos do dia, para que fosse possível contemplar os aspectos da corrida, da chegada e da volta, tanto em dias de treino, como em dias de competição.

Durante a entrevista todas as respostas estavam sendo gravadas, com um gravador de voz digital, da marca sony, modelo Icd-Px 240, para que pudessem ser analisadas posteriormente.

3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Foram contatados o maior número possível de pessoas com deficiência visual praticantes de corrida de rua. Este contato aconteceu por meio de redes sociais, telefone e

conversas pessoalmente, pois todos participavam do Projeto Sexto Sentido, onde o pesquisador tinha facilidade de contato. Inicialmente o número de participantes era de 5 pessoas, sendo 2 pessoas do sexo feminino e 3 do sexo masculino, porém, como não houveram respostas, novas pessoas foram sendo questionadas quanto a participação no estudo. Após realizado esse processo, os participantes consultados inicialmente, voltaram a fazer contato e foram inclusos.

Por se tratar de pessoas com deficiência visual, optou-se pelo envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio eletrônico, devido aos recursos de acessibilidade tecnológicos existentes, visto que, a leitura por terceiros, poderia influenciar, ou não, na interpretação e participação no presente estudo.

Para melhor comodidade dos participantes, a data, local e horário das entrevistas foram o que melhor se encaixava na rotina de cada um, interferindo o mínimo possível, porém, desde que estes ambientes fossem calmos e que permitissem uma conversa fluida e sem interrupções externas. Além disso, é importante ressaltar que para realização da entrevista, foi necessário apenas 1 encontro presencial. Após a entrevista, foram requisitadas mais informações, sendo que o contato ocorreu por meios eletrônicos.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 15 e 29 de agosto de 2017, com duração variando de 15 minutos até 1 hora e 20 minutos, com média de tempo de 41 minutos. Optou-se por esse método de obtenção de dados, por permitir maior profundidade e clareza na explanação da percepção dos participantes.

Neste tipo de entrevista o pesquisador utiliza um roteiro de questões, elaboradas previamente, para guiar sua interação com o participante do estudo. Nesta ocasião, os questionamentos podem ser realizados de diferentes formas e ordem para cada participante, onde o entrevistador pode introduzir novos questionamentos quando necessário, permitindo o detalhamento das informações e a possibilidade de o entrevistado fornecer a resposta do modo como deseja (curta ou longa), neste caso, o pesquisador intervém para motivá-lo a emitir respostas mais completas sobre o tema de interesse do estudo.

As indagações foram feitas com base na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146, de 6 de julho de 2015, referente a acessibilidade arquitetônica, urbanística, comunicacional e na informação, tecnológica, atitudinal e nos transportes.

Durante as entrevistas todas as respostas estavam sendo gravadas, em seguida, houveram as transcrições de todas as entrevistas. Após este processo, todas as transcrições foram comparadas com os respectivos áudios, com a finalidade de assegurar sua consistência e veracidade. Posteriormente a isto, foi enviado a transcrição das entrevistas aos participantes,

para que eles pudessem realizar modificações que julgassem necessárias, antes de serem feitas as avaliações por meio da técnica de análise de conteúdo.

3.7 ANÁLISE DOS DADOS

Em todas as entrevistas houve o emprego de códigos quanto ao nome dos participantes e aqueles que eram citados por eles, tiveram seus nomes trocados, para assim garantir o sigilo dos envolvidos. A denominação empregada foi C, que se refere a corredor e o número de acordo com a ordem alfabética dos sujeitos participantes do estudo.

Para a análise dos dados, foi utilizado a técnica de análise de conteúdo, sendo esta, um dos métodos mais utilizados em pesquisa qualitativa, por meio do método de análise por categorias temáticas, onde a fala de cada participante, é encaixada em alguma das categorias previamente estipuladas (CAREGNATO e MUTTI, 2006). Neste estudo, as análises obedeceram as seguintes fases: 1) Fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes, onde foram captados aspectos importantes para as próximas fases; 2) Seleção das unidades de análise, ou seja, seleção de sentenças de acordo com o tema, e por fim, 3) Processo de categorização e subcategorização, a qual, nesta pesquisa, foram atribuídas cores para cada uma das categorias (BARDIN, 2009).

As etapas descritas anteriormente foram realizadas de forma individual, onde, para cada barreira, atribuiu-se uma cor, e adiante, todas as falas dos participantes foram agrupadas nos respectivos quadros referentes as categorias de barreiras estipuladas. Porém, como trata-se de um estudo no contexto esportivo, houve a necessidade da criação uma outra categoria de barreiras, sendo, as barreiras específicas do esporte, pois as barreiras encontradas e alocadas nesta categoria, não se encaixavam nas já existentes. Dentro desta categoria, foram distribuídas outras 3 subcategorias: Pessoais, Organizacionais e Recursos Humanos. Todas essas barreiras foram criadas a partir das barreiras citadas nos estudos de Alves e Duarte (2005), Scelza et al. (2005), Shields, Synnot e Barr (2012), Souza e Bruel (2012), Cordeiro (2016).

Entende-se por barreira pessoal, os entraves ou impossibilidades na participação plena e efetiva dos indivíduos, nos esportes, sendo as causas, questões intrínsecas (SCELZA et al., 2005; SHIELDS; SYNNOT; BARR, 2012). Já as barreiras organizacionais são interpretadas como todo e qualquer impedimento da livre e autônoma circulação de todas as pessoas, causado pela falta de planejamento do espaço, dentro dos ambientes de prova, como por exemplo, obstáculos posicionados no caminho sem sinalizações adequadas, falta de

sinalização durante os percursos de prova, falta de banheiros adaptados. Além destas, qualquer forma de constrangimento causado pelos organizadores das provas ou seus colaboradores, bem como as restrições impostas para que haja a participação de pessoas com deficiências nas competições (ALVES e DUARTE, 2005). Por fim, as barreiras de recursos humanos, são as dificuldades ou impossibilidades de realizar atividades pela falta de recursos humanos, como o guia, ou ainda, a falta de conhecimento por parte destes (SOUZA e BRUEL, 2012; CORDEIRO, 2016).

Após isso, criou-se um novo quadro ao lado dos recortes de falas, com a finalidade de extrair exatamente a barreira que estava sendo exposta pelo corredor, caso mais de uma pessoa citasse a mesma barreira, seu código era colocado ao lado, conforme mostram os quadros de resultados por barreiras, apresentado em Apêndice C.

Esta extração exata quanto as barreiras, foi realizada para que a apresentação dos resultados referentes as barreiras, não ficasse, demasiadamente cansativa, já que algumas falas se repetem, bem como as barreiras apresentadas. Além disso, é possível visualizar em que contexto a barreira está inserida, se em situações de competição, treino ou deslocamento para ambas as atividades.

Por fim, foram contadas todas as barreiras citadas pelos corredores, para verificar se a ordem de apresentação dos resultados, era compatível com a frequência de relatos. Além disso, para expôr a quantidade de barreiras percebidas por este grupo, sobre cada uma das categorias aqui investigadas.

4. RESULTADOS

Todos os entrevistados no momento do estudo, residiam no município de Florianópolis e Grande Florianópolis, bem como, participavam de um mesmo grupo de corrida, denominado de Projeto Sexto Sentido. As características apresentadas pelos corredores abordados, estão descritas conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes do estudo.

Corredores	Sexo	Idade	Tempo de prática	Deficiência	Classificação	Escolaridade
C1	M	29	3	Congênita	Baixa visão B2/T12	Ensino médio completo
C2	F	22	3	Congênita	Baixa visão B2/T12	Superior cursando
C3	M	46	8	Adquirida	Cegueira B1/T11	Superior completo
C4	F	31	9	Adquirida	Cegueira B1/T11	Superior completo
C5	M	54	4	Adquirida	Cegueira B1/T11	Superior completo
C6	F	37	5	Congênita	Cegueira B1/T11	Superior completo
C7	M	49	2	Adquirida	Cegueira B1/T11	Pós-graduado

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se que participaram do estudo, tanto pessoas do sexo masculino, quanto do feminino, e que a média de idade era de 38,2 anos \pm 11,7, já a média do tempo de prática foi de 4,8 anos \pm 2,6. Além disso, a tabela mostra que houve maior participação de pessoas com cegueira em relação às pessoas com baixa visão. Além da corrida de rua, os participantes C2 e C3 contaram praticar musculação, C3 falou ainda, que tem interesse em praticar o surfe e o ciclismo, porém, por falta de tempo não os faz. Também por falta de tempo, C4 relata fazer exercícios em casa, pois não consegue ir até a academia. C5 disse que além da corrida, costuma pedalar, o mesmo relatado por C6 com a adição do goalball. Por fim, o corredor 7 é praticante também, de pilates, e esporadicamente, pedala.

Referente aos tipos de barreiras verificadas a partir da análise das declarações dos corredores investigados, identificou-se inúmeras delas, quando se trata especificamente do âmbito da prática da corrida de rua, nas situações de treinamentos, situações de competição e durante o deslocamento para ambas as atividades. Quando considerada a frequência para cada barreira determinada a priori, verificou-se que os corredores mencionaram, destacadamente, Barreiras Urbanísticas (7) e as Barreiras Específicas do Esporte (7), seguidas das Barreiras Atitudinais (5), Barreiras Comunicacionais e na Informação (4), Barreiras Tecnológicas (2) e, por fim, as Barreiras Arquitetônicas (1) e Barreiras nos Transportes (1).

4.1 BARREIRAS URBANÍSTICAS

Barreiras urbanísticas correspondem àquelas enfrentadas pelos indivíduos quando encontradas nas vias e nos espaços públicos e privados, abertos ao público ou de uso coletivo (BRASIL, 2017). O quadro a seguir, apresenta todas as barreiras urbanísticas comentadas pelos entrevistados, sendo separadas pelas situações de treino, competição e deslocamento.

Quadro 1 – Barreiras Urbanísticas apontadas pelos corredores.

Barreiras urbanísticas (7)
Em situações de treinos (7)
Calçada estreita (C1, C7)
Pessoas que aparecem no percurso (C5, C6)
Rua sem acessibilidade (C1)
Quebra-mola (C1)
Buracos (C1)
Ter de fazer desvios (C1)
Terreno irregular (C2)
Subida (C2)
Descida (C2)
Calçadas quebradas (C3)
Falta de espaço seguro para treino (C3)
Muita gente caminhando na calçada, dificulta o treino (C3)
Ter que treinar na ciclovia e disputar espaço com ciclistas, prejudicando treino (C3)
Beira-mar é o único recurso, porém, é um lugar cheio, por conta das assessorias, dificultando treino (C3)
Piso guia dói os pés (C4)
Pessoas mais velhas com dificuldade de desviar (C4)
Atravessar a rua (C5)
Subir calçada (C5)
Descer calçada (C5)
Crianças que aparecem no caminho (C5)
Cachorros que aparecem no caminho (C5)
Muita gente no percurso (C6)

Atropelamento por treinar na ciclovia (C6)
<p>Em situações de competição (4)</p> <p>Buracos no percurso (C1, C2)</p> <p>Lombadas no percurso (C1)</p> <p>Meio fio (C1)</p> <p>Subida (C2)</p> <p>Descida (C2)</p> <p>Degrau (C2, C3)</p> <p>Desnível (C2)</p> <p>Corridas onde tem muitas entradas (C2)</p> <p>Rampas (C3)</p> <p>Lugares estreitos (C3)</p> <p>Mato (C4)</p> <p>Pedra (C4)</p> <p>Pedaço de pau, Madeira (C4)</p>
<p>Em situações de deslocamento (2)</p> <p>Atravessar as ruas da beira mar (C6, C7)</p> <p>Movimento na rua (C6)</p> <p>Esbarrar em alguma coisa indo para o treino (C6)</p> <p>Pisar em buracos indo para o treino (C6)</p> <p>Orelhão no caminho (C6)</p> <p>Lixeiras no caminho (C6)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto às **situações de treino**, todos os entrevistados relataram enfrentar barreiras. Conforme apresentado no quadro, diversos foram os motivos, porém, é evidente que a maior parte delas referiam-se quanto aos aspectos do terreno, sendo referido por um deles, como um processo desgastante, mas que por sua fala, é algo constante. Estas constatações podem ser analisadas nas falas dos corredores C1 e C3, respectivamente:

“...tem que andar mais na rua do que na calçada, porque a calçada não é, não é aquelas, não é muito boa não... tem alguns é assim, alguns buraco é, e e é uma calçada assim, meio estreita e aí é melhor ir no asfalto mesmo do que na calçada...” (C1)

“...os desafios da, da acessibilidade né, éé, porque, os percursos, as calçadas né, isso, pra gente, às vezes é um pouco, às vezes não, sempre é desgastante, é, você bota, coloca o pé pra fora da da da da casa, já, já começa o desafio ali, ali já começa né, a superação, porque, calçadas quebradas, às vezes você tem que ir pela rua...” (C3)

Ainda nas barreiras urbanísticas percebidas **em situações de treino**, um outro dado expressivo, foi referente à quantidade de pessoas presentes nos locais de treino, o que gera

certa insegurança, pois, a qualquer momento, pode haver algo no caminho que os façam reduzir a velocidade, e/ou até mesmo evitar que determinados treinos sejam feitos nesses locais onde há maior concentração de pessoas, como explicam os corredores C5 e C6:

“...como é que eu vou dar um tiro na beira mar? De repente entra uma criança, um cachorro, alguém no meio do caminho, é um acidente...” (C5)

“Porque daí o treino já fica um pouco inseguro, porque aí tu tem, tu tá correndo, né, numa velocidade, ali, boa daí, do nada surge alguém na tua frente, aí tu tem que freiar, e, corre risco né, de acabar, esbarrando em alguém mesmo né?!...” (C6)

Nas barreiras urbanísticas percebidas pelos corredores **em situações de competições**, a maior frequência de relatos também remetiam aos aspectos dos terrenos, onde eram realizadas as provas. Essa mesma percepção foi encontrada nas situações de treino acima descritas. Os corredores C2 e C4 destacam, de forma exata, quais obstáculos encontrados dificultam o andamento das provas:

“...às vezes, tem percurso que a, que tem muita subida, muita descida, degrau é, buraco, degrau pra subir pra calçada, subida, descida. Isso tudo também é dificuldade...” (C2)

“...dependendo do lugar onde você tá, porque às vezes tem lugar que é plano, que é perfeito de correr, tem lugares que você vai correr, tem muito buraco, tem muito degrau, tem muito mato, tem, pedras, tem pedaços de pau, de madeira...” (C4)

Por fim, as barreiras urbanísticas presentes **em situações de deslocamento**, para os treinos e competições, foram trazidas com menor frequência pelos entrevistados. Porém, é possível absorver de suas falas, que as maiores dificuldades encontravam-se em virtude de obstáculos no caminho, como conta o corredor 6:

“...por conta do movimento na rua, as inseguranças que a gente tem, em quere, em esbarrar em alguma coisa, ou pisar em algum buraco...” (C6)

“...Geralmente é orelhão, caminhão, o que mais, os buracos mesmo né ... Algum carrinho de supe, de, aqueles de catador de lixo né, que tem aqueles negócios altos assim ... É, eu acho que são esses assim, e lixeira também...” (C6)

4.2 BARREIRAS ESPECÍFICAS DO ESPORTE

Caracteriza-se, neste trabalho, como barreiras no esporte, aqueles entraves, obstáculos, ou impedimentos de qualquer natureza, encaixado nas subcategorias previamente estipuladas e apresentadas. Os quadros 2, 3 e 4, mostram a lista de barreiras comentadas pelos corredores, sendo as barreiras pessoais, organizacionais e de recursos humanos, respectivamente.

4.2.1 Barreiras pessoais

As barreiras pessoais são interpretadas neste estudo, como os entraves ou impossibilidades de participação plena no esporte, sendo causados por questões intrínsecas, como medo, insegurança e qualquer outra evidência que se caracterize como proveniente do indivíduo (SHIELDS; SYNNOT; BARR, 2012; SCENZA et al., 2005).

Quadro 2 – Barreiras pessoais apontadas pelos corredores

Barreiras pessoais (6)
<p>Em situações de treinos (4) Treinar sozinho em determinados locais é mais difícil por conta da pouca visão (C1) Correr tenso por conta da preocupação de encontrar ciclistas na pista (C3) Insegurança em correr utilizando um implemento (C4) Falta de confiança/ segurança em guias novos, por não saber se ele está preparado (C4) Se sentir travada no início quando o guia é novo (C4) Preocupação em cair (C4) Preocupação em se machucar (C4) Início dos treinos de corrida, se sentia travado pela falta de confiança no guia (C7)</p>
<p>Em situações de competições (3) Dificuldade de dormir por conta da ansiedade (C1) Ficar nervosa no dia da competição, por medo de decepcionar o guia quanto ao desempenho (C6) Quando corre sozinha em competições, fica se preocupando em desviar das pessoas (C2)</p>
<p>Em situações de deslocamento (2) Tensão no deslocamento para o treino, por conta do movimento na rua (C6) Insegurança em esbarrar em alguma coisa (C6) Insegurança em pisar em algum buraco (C6) Insegura por não conhecer bem o caminho (C6) Insegurança em se deslocar sozinho para determinados locais, por falta de acessibilidade (C7) Insegurança em se deslocar sozinho para determinados locais, por conta do trânsito e a não existência de sinais sonoros nas vias (C7)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota-se que mais indivíduos apontaram as barreiras **em situações de treinos**, se comparado com o número de participantes que relataram em competição, ou deslocamento. A maior parte das falas indica que as questões intrínsecas, são causadas pela insegurança quanto ao guia. O processo de aquisição de confiança no guia reflete diretamente no decorrer da corrida, como destaca o corredor 4, nas seguintes falas:

“...É, quando muda o guia da uma dificuldade novamente, porque às vezes a gente não sabe se o guia tá preparado ou não, claro que todos que acabam entrando pra ser guia, eles conhecem um pouco da vida do deficiente e tem um preparo pra saber como lidar com o deficiente, então ele já sabe, só que a gente que é deficiente, no meu caso, eu sou bem realista em falar que eu não confio no primeiro momento, o guia tem que me passar segurança pra dizer assim, não, vamo que agora eu to bem.” (C4)

“...É, no caso, eu sinto no início meio travada, mas ao co, ao tempo da corrida, se for uma de resistência, eu fico travada nos primeiros 1 quilômetro ali, quando o guia é novo, porque eu não tenho aquela segurança, ele não conseguiu passar segurança pra mim, então eu fico meio travada no início, mas depois é diferente assim, eu sinto mais leve, mais solta.” (C4)

Ao encontro da afirmação acima, o corredor 7, também relata se sentir travado no início, pois não sabe se de fato, a pessoa está preparada realizar a tarefa, assim como, durante esse processo, há o amadurecimento próprio, conforme relato:

“...no início era um desafio, primeiro a questão da confiança, então, primeiro treino que eu fiz com a Maria eu estava totalmente travado, né, segurando movimentos, ã, o segundo já foi mais solto e aí tu, né, com, com a confiança que tu vai adquirindo nas pessoas que estão ao teu lado, sabendo que, acidentes podem acontecer, éé, independente de enxergar ou não, né...” (C7)

Nas **situações de competições**, as barreiras encontradas neste estudo, se diferem entre aqueles que as apontaram, neste âmbito, não houve consenso entre as barreiras relatadas, conforme o destaque nas falas dos corredores, 1, 2 e 6:

“...É, eu tenho dificuldade de dormir. (...) Porque eu acho que eu fico ansioso e a hora não passa...” (C1)

“...Ah, no dia da compes, da competição mesmo, eu já fico um pouco mais nervosa assim, não sei porque, não, não consigo ainda controlar isso (risos).

Porque eu tenho medo, eu tenho medo de ir lá e decepcionar o guia, que às vezes ele tá tão empolgado, ah porque no treino tu foi bem, tu fez um tempo bom tal, mais e aí tu fica naquela pensando, po será que hoje eu vou fi, vou tá bem também?...” (C6)

“...nas corridas de rua, na largada, ele vai me dar a direção de onde, de onde eu tenho que ir, eu não vou precisar ficar me preocupando em desviar das pessoas, que muitas vezes, eu acabam, quando eu corro sozinha, eu acabo esbarrando, então, ele vai me dar a direção certa...” (C2)

As inseguranças geradas pela falta de acessibilidade, foram destaque nas barreiras enfrentadas **em situações de deslocamento**, como indicam os corredores C6 e C7, respectivamente:

“...Eu acho que era, assim, tranquilo tranquilo não dá pra dizer que é, porque sempre tem uma tensãozinha ou outra né?! (...) É, por conta do movimento na rua, as inseguranças que a gente tem, em quere, em esbarrar em alguma coisa, ou pisar em algum buraco...”(C6)

“...seria bem complicado por falta de acessibilidade, por exemplo ãn, quando se treina na beira mar norte, eu, já atravessei em alguns momentos, é claro que se houvesse necessidade a gente teria que buscar uma forma de fazer isso, mais são lugares que eu não tenho, eu, realmente, não tenho segurança para fazê-lo sozinho (...) Em função dessa falta de acessibilidade, são, o trânsito é, é complicado, são muitas vias, em vários sentidos, e, não existem sinais sonoros nestas vias, éé, são vias rápidas e isso gera bastante insegurança” (C7)

4.2.2 Barreiras organizacionais

O quadro 3, mostra, a lista de barreiras organizacionais, sendo esta, a segunda subcategoria com maior frequência de apontamentos, dentro das barreiras específicas do esporte. Esta barreira refere-se ao planejamento inadequado dos ambientes, sejam presenciais ou virtuais, realizados pelas organizadoras de provas de corridas de rua, bem como, o tratamento impróprio dado às pessoas com deficiência (ALVES e DUARTE, 2005).

Quadro 3 – Barreiras organizacionais apontadas pelos corredores.

Barreiras organizacionais (6)
Os banheiros colocados nas competições, pipi móvel, são horríveis (C4)
Estrutura do banheiro colocado nas competições é muito pequena (C4)
Banheiros longe, acesso com obstáculos, sendo as divisões que eles fazem, ferros e barracas no caminho (C6)
Dificuldade de encontrar banheiros, mesmo para os videntes (C7)
Em virtude da grande concentração de pessoas, é difícil chegar até os pontos principais da competição (C7)
Não disponibilizam o colete de identificação para o guia (C2)
Sair na categoria geral correndo com guia, pois a organização não pergunta se o participante possui algum tipo de deficiência (C2)
Não proibem a participação, mas não há interesse quanto as observações da participação de pessoas com deficiência (C2)
Tentativa de barrar a inscrição em determinadas provas, como as de aventura por exemplo (C3)
Algumas organizadoras de provas, não permitem a participação (C3)
Algumas provas não ofereciam premiação (C3)
Algumas provas não oferecem kit (C3)
Algumas provas não oferecem camiseta (C3)
Não queriam fornecer a inscrição pela prova ser difícil e por passar por pedras (C3)
Algumas provas não tem a premiação por categoria de pessoas com deficiência (C5)
A falta da largada diferenciada, acarreta na lentidão dos atletas com deficiência, pelo tumulto (C6)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram apontadas como barreiras organizacionais, questões relacionadas aos banheiros, restrições na participação, tentativas de barrar inscrições e a falta de largada diferenciada. É possível identificar nas falas destes, que, por vezes, não se sentem valorizados e que ainda estão no caminho ou no processo de conquista de seus espaços por direito, como ficam evidenciadas nas seguintes falas:

“...Ai, pra mim é a estrutura, muito pequeno assim, tipo, tu, a hora que tu vai sentar tu já da quase com o rosto na porta, pra mim, porque tu fica se movimentando ali dentro pra localizar o vaso, porque daí tu tem que fechar a porta né, às vezes tem as moças que enxergam que elas tão cuidando do lado de fora, mas às vezes, dá imprevisto de elas irem em outro banheiro, e você usar ali sozinha, então, tu tem que fechar, porque se não, vem um, abre a porta, e né, então, nessa questão...” (C4)

“...de ser valorizado né, ou, algumas provas, por exemplo, é, ofereci, não, no início, não ofereciam premiação, é, hoje a gente já tem alguma provas que eles tem a categoria do, das pessoas com deficiência, inclusive tem troféu, né, existe troféus, é, de 1º 2º 3º lugar, masculino, feminino, é, já fui em provas que até premiação nos deram, né, tem outras que não...” (C3)

“...Né. E isso, é, muitas néé, organizadora, que organiza essas provas já, permite, tem outras que, que não, que já é mais difícil, que não permite, né, então, a gente ainda tá nesse processo de de realmente de de conquista né...” (C3)

“...Mas quanto o percurso assim, é tranquilo, tirando, né, às vezes, quando a gente acaba, não conseguindo sair na frente né, daí, a gente acaba pegando um pouco do tumulto, que daí tu não consegue, é, colocar um ritmo melhor né...” (C6)

4.2.3 Barreiras de recursos humanos

A seguir, o quadro 4, lista as barreiras referentes aos recursos humanos, visto como barreiras, pelos participantes da pesquisa. Esta subcategoria está relacionada com as dificuldades ou impossibilidades de realizar atividades pela falta de disponibilidade de uma pessoa para realizar junto ou ainda a falta de conhecimento deste (SOUZA e BRUEL, 2012; CORDEIRO, 2016).

Quadro 4 – Barreiras de recursos humanos apontadas pelos corredores.

Barreiras de recursos humanos (5)
<p>Em situações de treinos (4) Encaixar horários com guias, por conta de compromissos, treinos, viagens, disponibilidade (C1, C3, C6) Encontrar guia que corra no mesmo ritmo (C1) Não seguir os dias recomendados na planilha por falta de guia (C3) Falta de preparo dos guias (C4) Falta de segurança por parte do guia (C4) Treinador passa o treino para o guia (C4)</p>
<p>Em situações de competições (1) O guia reduz a velocidade, quando chega perto de obstáculos, por achar que o atleta vai “tropicalizar” (C5)</p>
<p>Em situações de deslocamento (0)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em situações de treinos a falta de disponibilidade do guia, é entendida, por estes participantes, como a maior causa de barreiras nos recursos humanos. Esse fator acarreta em mudanças quanto ao que se era previsto, ou seja, a pessoa deve ir para uma academia correr na esteira, por ser essa, a sua única alternativa, como destaca o atleta C3:

“...por quê o C3 ter quatro guias ou né, três, enfim, éé justamente por isso né, porque, geralmente, um só, não consegue te acompanhar, e a gente tem, como eu treino vários, vários dias, então, é, é importante ter um número né, às vezes, por exemplo, acontece final de semana, que um foi pra uma prova, o outro foi viajar com a família, e aí? Então, então você tem que ter opção, na verdade isso acaba muitas vezes, esse sábado mesmo, eu acabei indo pra esteira porque não tinha guia né... Não tinha. Um foi viajar, outros tavam na competição” (C3)

As barreiras enfrentadas **em situações de competições**, por conta de recursos humanos, foi o segundo destaque nesta subcategoria. Apenas um dos entrevistados destacou obstáculos, quanto ao guia, em situações de competição, para este, o cuidado demasiado do guia, é um fator problema, como confirma a sua colocação:

“...Olha, correr enxergando você vamos dizer que, você tá vendo o teu, a pessoa que tá na tua frente, que tu, dependendo da situação pode ultrapassar ou não, éé, ou dar uma olhadinha pra trás, se o adversário, enfim, né, digo adversário, mas, é competição, é adversário né, tu olha pra trás vê se tu pode dar aceleradinha ou manter ali pra, pra no final tu dar aquele sprint pra, pra manter o teu, tua colocação, éé, é os obstáculos que tem que né, que, o que é ou não, lombadas, e muitas coisas que tem na frente, ver, o guia ele da uma reduzida, isso é normal, é, já corri com guias que, que ele é altamente veloz mas mesmo assim, ele sendo veloz, ele reduz, porque ele imagina que eu vou tropicar e ele da aquela reduzida, então isso atrapalha um pouquinho...” (C5)

4.3 BARREIRAS ATITUDINAIS

Barreiras atitudinais, são aqueles comportamentos apresentados pelos indivíduos impossibilitando ou afetando de alguma forma, o direito de participação social em igualdade de oportunidades e condições com as outras pessoas (BRASIL, 2017). A seguir, são apresentadas no quadro 5, as barreiras atitudinais, informadas pelos sujeitos durante as entrevistas.

Quadro 5 – Barreiras atitudinais apontadas pelos corredores.

Barreiras atitudinais (5)
<p>Em situações de competições (3) Corredores não respeitaram a largada antecipada das pessoas com deficiência (C4) Exposição por falta de termos adequados por parte dos locutores para se referir às pessoas com deficiência (C7) Comentários piedosos (C7) Corredores desviam em cima dos atletas, por não perceber que eles tem deficiência visual (C5)</p>
<p>Em situações de deslocamento (2) Carrinhos de supermercado nas calçadas (C3, C6) Carro em cima da calçada (C3) Orelhão no trajeto (C6) Caminhão no trajeto (C6) Buracos no trajeto (C6) Carrinhos de catadores de lixo (C6)</p>
<p>Em situações de treinos (2) As pessoas não saem da frente por dificuldade de entender que é um atleta cego (C3) As pessoas não saem da frente por se negar a sair (C3) Ser xingado por ciclistas por treinar na ciclovia (C3) Ser atropelado por ciclistas por estar treinando na ciclovia (C3) Destroncar dedo porque o ciclista foi pra cima, enquanto treinava na ciclovia (C3) Ser atropelada por motorista que cedeu passagem (C4) Guia não saber o que fazer em situações de acidentes (C4)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

As barreiras atitudinais enfrentadas pelos corredores com deficiência visual, tiveram maior destaque quanto a sua frequência, quando os corredores a relatavam, **situações de competições**, praticamente todas as barreiras apontadas, foram geradas pela falta de conhecimento tanto das pessoas participantes como dos próprios locutores, sendo visto, por um dos corredores, como uma situação, constrangedora, em determinados momentos. Em seguida, a segunda fala em destaque, é um relato de barreira gerado pela falta de educação, como os corredor C7 e C4 comentam na entrevista:

“... o que eu percebo também, é uma exposição muito grande nesse sentido, primeiro porque os locutores já não usam termos adequados, pra se referirem às pessoas com deficiência, então a gente houve de tudo, em alguns momentos chega a ser até constrangedor, então, eu penso que, éé, quanto menos se se expôr nesse sentido, mais interessante ficaria (...) Ah, portadores de necessidades especiais, é, falam em deficiência física como se todas as deficiências fossem, fossem, ã, físicas, éé, falta realmente né, usar né, se for pra usar, que se usasse terminologias adequadas e muitos comentários

pedosos...Mais, éé, cria uma atmosfera sensacionalista, em torno dos acontecimentos, e é uma coisa que eu realmente não não não, não curto, não gosto, e, né, o bom seria que agissem de uma outra forma...” (C7)

“...eu tive participando duma competição em São José, com uma moça que ela me guiou, e eles pediram pra que os deficiente largassem na frente, e na hora da largada eles não respeitaram o momento de saída dos deficiente, saíram todos junto e todo mundo saiu empurrando a gente, como se a gente tivesse enxergando e dá licença que eu tô passando...” (C4)

As **situações de deslocamento** foram apontadas com a mesma frequência do ambiente de treino, porém, esta foi referente aos carrinhos (supermercado e como meio de obtenção de renda) e carros (automóveis) no caminho. Além de todos os cuidados com buracos e orelhões, as pessoas com deficiência visual ainda devem atentar-se, durante o seu percurso, para que não entre em confronto com qualquer obstáculo imposto por terceiros, pois, dependendo do que for e como for, o risco de lesão ocorre, conforme pode ser visto:

“...aí você encontra carro em cima da calçada, ou às vezes, por exemplo, eu já bati em vários, já me machuquei nos carrinhos que as pessoas aqui tem, de mercados, então, eles, as pessoas vem deixam os carrinhos, em cima das calçadas né, então tem, tem esse, mais esse (risos) desafio...” (C3)

“...Geralmente é orelhão, caminhão, o que mais, os buracos mesmo né (...) Algum carrinho de supe, de, aqueles de catador de lixo né, que tem aqueles negócios altos assim...” (C6)

Já as barreiras enfrentadas **em situações de treinos**, são geradas pela falta de um local adequado para treinar. Com isso, para que consigam se manter fazendo o que lhes é prazeroso, as pessoas buscam lugares alternativos, para assim, continuar sua prática. O maior destaque vai para os atropelamentos gerados pelo motivo citado anteriormente, como aponta o corredor C3:

“...então assim, quando eu vou fazer um treino mais rápido, mais de tiro, eu não posso ir pela calçada, eu vou pelo, nu, mais encostado, na mão certa, na ciclovia, mas a gente enfrenta daí o desafio do dos ciclistas, que muitos, hoje, de tanto a gente correr ali e tal, a maioria já entende, mas muitos não entende, né, que, até, já houve xingamentos, eu já fui atropelado duas vezes, na ciclovia né...” (C3)

4.4 BARREIRAS COMUNICACIONAIS E NA INFORMAÇÃO

A impossibilidade e/ou a dificuldade encontrada para a expressão ou o recebimento de informações, é o que caracteriza as barreiras comunicacionais e na informação (BRASIL, 2017). Os obstáculos encontradas para a prática da corrida de rua, em seus diversos contextos, encontram-se descritos no quadro 6, sendo estes apontamentos, a extração das falas dos corredores com deficiência visual, participantes deste estudo.

Quadro 6 – Barreiras comunicacionais e na informação apontadas pelos corredores.

Barreiras comunicacionais e na informação (4)
<p>Em situações de competições (2) Sinalização mal feita (C2) Sinalização com sinais e a impossibilidade de enxergar (C2) Parar para perguntar o caminho (C2) Falta de sinalização (C2) Não saber se há o desconto do tempo em virtude da largada antecipada (C7)</p>
<p>Em situações de deslocamento (2) Não consegue enxergar o letreiro para pegar ônibus (C2) Falta de sinalização no deslocamento para o treino (C6)</p>
<p>Em situações de treinos (1) Treinador passa o treino para o guia por falta de acessibilidade no celular do atleta (C4) Recebe o treino pelo guia através do whatsapp ou facebook (C4)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em situações de competições as barreiras comunicacionais e na informação, apresentaram frequências iguais, quando comparadas no contexto de competições e deslocamento. Porém, nesta, houve maior ênfase na má sinalização presente nas corridas de rua, acarretando na má orientação no decorrer da prova, como conta a corredora 2:

“...Porque eles faziam sinais, só que eu não conseguia enxergar os sinais que eles faziam, se eles tivessem, se eles falassem assim, aah pra direita, pra esquerda, eu ia me localizar melhor...” (C2)

Já nas barreiras comunicacionais enfrentadas **em situações de deslocamento**, os participantes encontram obstáculos para conseguir pegar ônibus e chegar ao local de destino, para isso, a sua autonomia é violada, pois dependem de outra pessoa para auxiliá-los. Já nos percursos os quais não estão habituados, a falta de sinalização nestes, deixa o corredor sem saber para onde ir, conforme afirmam os corredores C2 e C6:

“...Pra pegar o ônibus, eu, eu peço ajuda porque eu não consigo ler o letreiro (...) Daí eu fico perguntando qual, qual ônibus que é (...) Aah ajudam só que eu explico, que ah, que eu tenho baixa visão e eu não consigo, não consigo enxergar o letreiro...” (C2)

“...Porque eu não costumo muito ir por ali, não conheço, exatamente bem o caminho, e tem algumas, alguns, chega um determinado ponto ali que, eu fico toda confusa, não sei se eu vou pra esquerda, não sei se eu vou para direita...” (C6)

Comumente realizado pelos treinadores, o envio de planilhas de treino é tarefa constante em suas rotinas, porém, é percebido que **em situações de treino** a falta de comunicação causada por uma barreira tecnológica, impede que o corredor receba seu treino. Para confirmar as afirmações, o corredor C4 relata:

“...Porque eu não tenho um aplicativo lá de planilha, daí, ela só vem com, tipo, modelo e data, o meu celular ele não tá bem adaptado pra isso (risos)...” (C4)

4.5 BARREIRAS TECNOLÓGICAS

Neste tópico, apresenta-se a percepção dos corredores quanto às barreiras tecnológicas, sendo estas, aquelas encontradas nas tecnologias existentes, a qual, é gerada pela dificuldade ou impedimento de acesso a estes meios (BRASIL, 2017). O quadro 7 lista as barreiras percebidas pelos entrevistados nas situações de treinos e competições.

Quadro 7 – Barreiras tecnológicas apontadas pelos corredores.

Barreiras tecnológicas (2)
Em situações de treinos (2) Falta de aplicativo de planilha no celular para receber treinos (C4) Treino por e-mail ou PDF, leitura pausada (C7) Falta de acessibilidade no aplicativo de feedback do treino (C7)
Em situações de competições (1) Falta de acessibilidade nos <i>sites</i> para realizar inscrições para prova (C7)
Em situações de deslocamento (0)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nas **situações de treinos**, as maiores dificuldades geradas, foram referentes ao recebimento e envio de informações. Essas informações indicam aspectos relevantes e

importantes, sendo também, um portal de comunicação com o treinador para envio de *feedbacks*, a exemplo disto C7 relata:

“...e é, uma outra coisa que o pessoal usa bastante, é um aplicativo pra dizer se tu fez ou não o treino, então, nem sempre esses aplicativos estão acessíveis pra que a gente possa preencher todos os dados adequadamente...”
(C7)

Em situações de competições, um único corredor relatou enfrentar barreiras. Nesta, há o impedimento de que o próprio indivíduo realize a sua inscrição em provas, pois, os *sites* nos quais são direcionadas essa tarefa, não possuem acessibilidade. Frente a isto, percebe-se que esta barreira está relacionada diretamente com a sua autonomia para realizar a inscrição, tendo que passar dados pessoais para terceiros, para efetivar sua participação, como conta C7:

“...Olha, começando pelas inscrições, nem sempre é possível a gente fazer as inscrições em função da da, da falta de acessibilidade nos *sites*, então começa por aí, então a gente tem sempre que pedir pra alguém, e passar dados pessoais, enfim...” (C7)

4.6 BARREIRAS ARQUITETÔNICAS

Neste tópico encontram-se as barreiras arquitetônicas, que são caracterizadas por aquelas dificuldades ou entraves, encontradas nos edifícios públicos e privados de uso coletivo (BRASIL, 2017). O quadro 8 mostra as percepções de um único corredor acerca desta barreira.

Quadro 8 – Barreiras arquitetônicas apontadas pelos corredores.

Barreiras arquitetônicas (1)
Em situações de deslocamento (1) Shopping sem acessibilidade (C6) Desviar das coisas dentro do shopping (C6)
Em situações de competições (0)
Em situações de treinos (0)

Fonte: Elaborado pelo autor.

O único momento em que houve relato de barreira arquitetônica, ocorreu **em situações de deslocamento**, a qual, foi encontrada em um *shopping center*. O sentimento de independência em um simples deslocar-se é interrompido, por não haver condições

igualitárias de passagem e permanência nestes locais. Mesmo que haja o enfrentamento desta barreira, o tempo dispendido em realizá-la é maior do que pedir ou deixar que os seguranças os ajudem, conforme indicam as seguintes falas:

“...Porque ou tu passa por dentro do *shopping*, que daí é todo sem acessibilidade né (...) Ou então tem que ir ali pela lateral, também que eu não, não me sinto muito segura...” (C6)

“...Geralmente sim, os seguranças sempre ajudam né. Quando eu trabalhava no ce, no centro, no, na Mauro Ramos que daí eu pegava o canasvieiras e descia ali, as, muitas vezes eu me arrisquei atravessar sozinha o shopping, mas é bem mais demorado, porque daí tem que ir devagarinho, desviando das coisas...” (C6)

4.7 BARREIRAS NOS TRANSPORTES

Por fim, este tópico apresenta a última categoria de barreiras investigadas neste estudo. Entende-se por barreiras nos transportes, as impossibilidades ou dificuldades no sistema e meios de transporte. Nela, houve a presença de apenas um relato, conforme mostra o quadro 9.

Quadro 9 – Barreiras nos transportes apontadas pelos corredores.

Barreiras nos transportes (1)
Em situações de deslocamento (1)
Não consegue enxergar o letreiro para pegar ônibus (C2)
Em situações de competições (0)
Em situações de treino (0)

Fonte: Elaborado pelo autor.

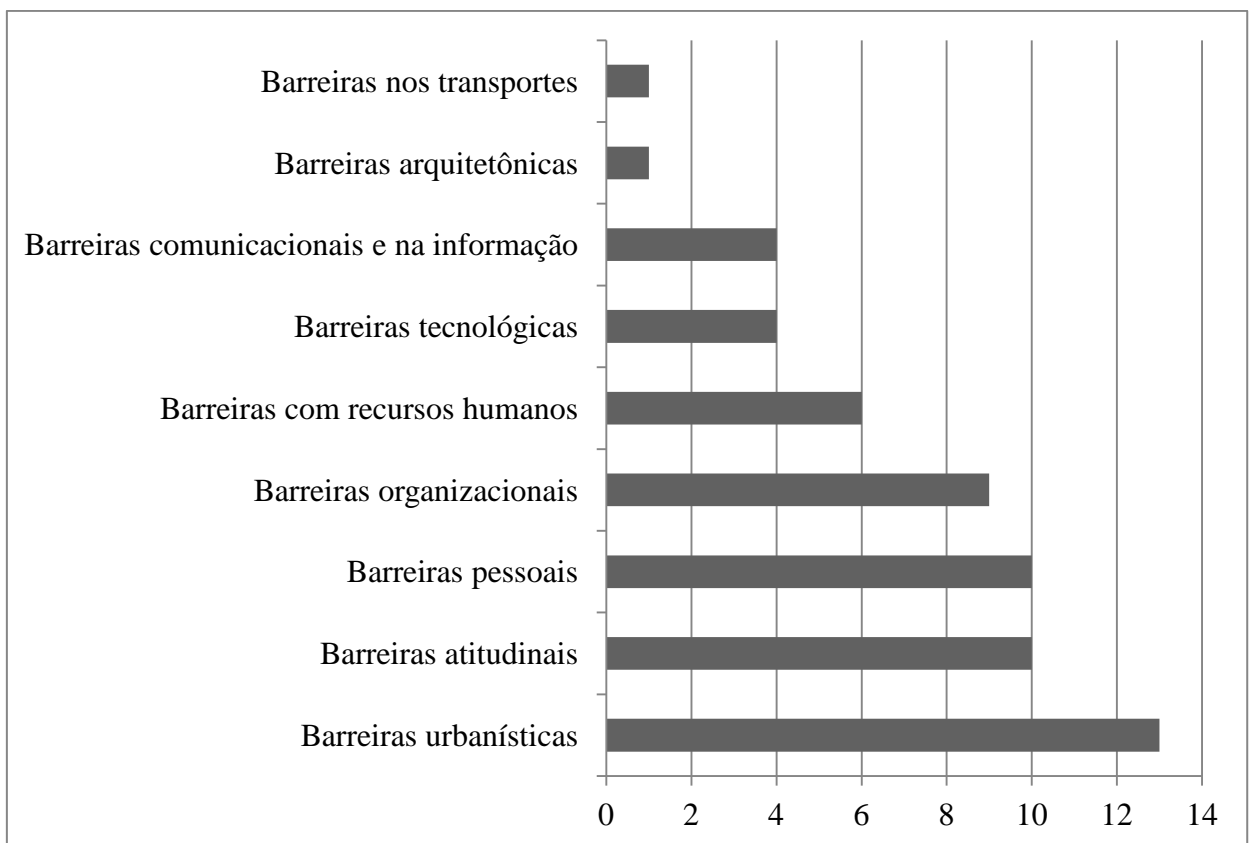
A única barreira nos transportes, percebida por um dos indivíduos entrevistados, ocorreu **em situação de deslocamento**. Para que não haja desentimentos ou dúvidas quanto a questão de pedir ajuda, o participante relata ter de explicar que devido a sua baixa visão, não consegue ler o letreiro e assim, pede ajuda de outra pessoa que possa fazer por ele, conforme comenta:

“...Pra pegar o ônibus, eu, eu peço ajuda porque eu não consigo ler o letreiro (...) Daí eu fico perguntando qual, qual ônibus que é (...) Aah ajudam só que

eu explico, que ah, que eu tenho baixa visão e eu não consigo, não consigo enxergar o letreiro...” (C2)

Quando analisadas as quantidades de itens mencionados pelos corredores para cada barreira percebida, verificou-se maior quantidade de itens declarados para as barreiras urbanísticas (13), atitudinais (10), intrínsecas (10), organizacionais (9), recursos humanos (6), comunicacionais e na informação (4), tecnológicas (4), arquitetônicas (1) e por fim com resultado igual ao das barreiras arquitetônicas, as barreiras nos transportes (1). Para esta contagem, as subcategorias das barreiras específicas do esporte, foram contadas separadamente para melhor visualização, sendo elas as intrínsecas, organizacionais e de recursos humanos, conforme apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual, nas corridas de rua.



Fonte: Elaborado pelo autor.

5. DISCUSSÃO

Recentemente, a Pesquisa Nacional de Saúde realizada em 2013 pelo IBGE, revela que 0,5% da população da Região Sul do Brasil, já nasceram com a deficiência visual, enquanto que 5,4% adquiriram por doenças ou acidentes (IBGE, 2015). Esses dados expressam as características, predominantes, do grupo investigado neste trabalho, já que 4 dos 7 entrevistados adquiriram tal deficiência. Outro dado expressivo, quanto às características deste grupo, refere-se ao nível da deficiência, 5 participantes apresentam cegueira e apenas 2 baixa visão, além de haver maior participação masculina em relação a feminina.

Um estudo realizado com crianças e adolescentes com deficiência visual (cegueira e baixa visão), entre 8 e 16 anos, de ambos os sexos, teve como objetivo, investigar o nível de atividade física desta população, e os efeitos do gênero e nível da deficiência sobre a atividade física de crianças e adolescentes com deficiência visual (ASLAN; CALIK; KITIS, 2012). Para ter ciência do nível de atividade física, foi aplicado um diário com essa finalidade. Quando comparados os gêneros, na categoria baixa visão, os meninos realizavam mais atividades leves e moderadas com relação as meninas. Já quando comparados os gêneros, no grupo de crianças com cegueira, ambos os sexos não realizavam atividades vigorosas, e os resultados encontrados com relação as atividades leves e moderadas, não apresentaram diferenças significativas. O estudo conclui que a ausência de percepção visual, ou seja, aqueles que possuem cegueira, em detrimento dos que possuem baixa visão, contribui para o diminuir das chances de participação em atividades físicas. Além disso, que no grupo investigado, o gênero não mostrou-se como fator contribuinte para que os indivíduos realizassem alguma atividade.

Os dados apresentados no estudo de Aslan, Calik e Kitis (2012), quando contrastado com as características dos 7 participantes desta pesquisa, poderia apresentar uma hipótese de que os participantes não realizassem atividades físicas. Porém, se analisado que a maioria dos participantes adquiriram a deficiência e poderiam já possuir uma vida ativa anteriormente ao evento, a consequência seria a retomada dos seus hábitos, além de que a motivação em estar fazendo algo, fosse maior do que os obstáculos que impedem a participação nestas atividades.

Jaarsma et. al. (2014), em um estudo feito com 4.838 pessoas com deficiência visual, registradas em um dos 3 maiores centros de especialização para pessoas com deficiência visual na Holanda, com idade superior aos 18 anos, realizada de forma on-line, e por telefone, revelou que 73% dos participantes categorizados como ativos, possuíam educação superior, se comparados com 59% dos participantes inativos. Esses dados apontam para uma realidade de

muitos locais, os quais, aqueles que possuem maior escolaridade, são, conseqüentemente, em sua maioria, aqueles que praticam mais atividades esportivas. Para enfatizar este achado, nesta pesquisa 5 dos participantes possuem nível superior, enquanto que 1 ainda está cursando e o outro tem o ensino médio completo.

A presente pesquisa teve como objetivo principal, a identificação das barreiras para a prática da corrida de rua, por atletas com deficiência visual. Dentre as barreiras identificadas, as que foram apontadas com mais frequência foram as barreiras urbanísticas e as barreiras específicas do esporte.

Nas barreiras urbanísticas, os participantes indicam que há dificuldade em atravessar a rua, que há muitos obstáculos e que os locais existentes, são impróprios para treino, tanto pelo próprio terreno, quanto pela quantidade de pessoas circulando. A lei complementar nº 482 de 17 de janeiro de 2014, institui o plano diretor do município de Florianópolis, e tem como visão, a organização do território municipal de forma a promover qualidade de vida, interação social e o bem-estar da população. Uma das formas de alcance da qualidade de vida para algumas pessoas, é por meio da prática de esportes (LIMA; GORGATTI; DUTRA, 2010). Porém, para ter acesso aos locais teoricamente destinados para todos, algumas pessoas enfrentam dificuldades, como as relatadas neste estudo.

Corroborando com estes achados, foi realizado um estudo qualitativo, de caráter exploratório, no qual foram analisados postagens de 15 blogs de pessoas com deficiência, englobando tanto pessoas com deficiências motoras quanto as sensoriais (BARBOSA, 2017). A mobilidade urbana é considerada por estes, como estratégica para a inclusão social. O estudo indica que estes blogs são como diários, os quais as pessoas mostram a sua realidade, necessidade e até mesmo soluções para os problemas enfrentados. Como resultados, o estudo indica que as barreiras frequentemente encontradas referem-se às ruas apertadas, calçadas cheias de obstáculos, ausência de sinais sonoros, problemas nas calçadas, sendo, buracos, calçadas malconservadas, com entulhos, inacabadas, ou a falta destas, problemas ainda, com rampas impróprias.

O estudo acima mencionado, mostra as barreiras enfrentadas no cotidiano das pessoas com deficiência, referentes ao deslocamento. Já no estudo de Kirchner, Gerber e Smith (2008), foram investigadas barreiras comunitárias, percebidas por 134 pessoas de Nova York, com deficiência motora e visual, para a prática de atividade física. Foram relatados pelos participantes, problemas com pavimentação de calçadas, calçadas estreitas, e problemas com multidões, os mesmos apontamentos feitos pelos participantes do presente estudo. Os autores ainda relatam que estas pessoas alteram as suas rotas ou se deslocam mais devagar do que o

planejado, devido aos problemas encontrados, sendo esta uma das tarefas constantes dos corredores com deficiência visual, deste estudo, frente aos obstáculos encontrados. O planejamento de espaços urbanos requer compreensão a cerca das barreiras específicas enfrentadas pelas pessoas com diferentes tipos de deficiência, para que assim, o município possa melhor atendê-las. O estudo cauteloso e respeitando as normas de acessibilidade, irá diminuir ou até mesmo sanar, os problemas de pessoas com deficiência visual, pessoas com deficiência motora e até mesmo de pessoas com mobilidade reduzida, como é o caso de alguns idosos, com relação a acessibilidade urbanística. Os autores ainda relatam que esses resultados foram encontrados, mesmo Nova York sendo considerada habitável e sugerem então, que estudos deste porte, sejam feitos em outros locais.

Nas barreiras urbanísticas do presente trabalho, a grande circulação de pessoas foi apontada como um dos fatores limitantes para a prática esportiva, este fator, está diretamente relacionado com a falta de um lugar adequado, pois pessoas com cegueira e algumas com baixa visão, necessitam de um guia ao seu lado (SOUZA e BRUEL, 2012), o que resulta em uma ocupação maior do espaço e conseqüentemente, maior dificuldade de deslocamento em espaços onde é demasiadamente procurado. Portanto, podemos perceber que nem sempre toda a população está inclusa nos planejamentos urbanos, e sim, uma porção desta.

As dificuldades encontradas no deslocamento foram fortemente mencionadas pelos participantes, sendo apontada como barreiras, a travessia das ruas e avenidas, em virtude da falta de sinalização sonora nestes ambientes. Novamente, dentro do plano diretor do município de Florianópolis, encontra-se a exigência da construção e implementação de semáforos acionados (PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS, 2017), os mesmos implantados em Curitiba com a finalidade de aumentar o tempo de travessia e reduzir o número de acidentes com pessoas com mobilidade reduzida (PREFEITURA DE CURITIBA, 2017). Contudo, em se tratando das pessoas com deficiência visual, e lembrando as necessidades relativas à deficiência sensorial, apenas a utilização de semáforos sonoros sanariam este problema, como os próprios entrevistados relatam. Porém, esta não é uma preocupação que consta no plano diretor.

Ao encontro dos relatos das pessoas com deficiência, de que a falta de um ambiente seguro é uma das barreiras para a prática de esportes, um estudo feito com pessoas sem deficiência, expõe o mesmo obstáculo (JESUS e JESUS, 2012). Este estudo foi realizado com 316 policiais militares de Feira de Santana na Bahia e teve como objetivos principais a descrição do nível de atividade física deste grupo e as barreiras percebidas para a prática de atividade física. A identificação das barreiras foi realizada por meio de um questionário

validado, sendo que a falta de um ambiente com condições adequadas, foi a 4ª barreira mais apontada. As necessidades requeridas pelas pessoas sem deficiência são menores do que aquelas que circundam o cotidiano das pessoas com deficiência, porém, ainda assim, o mesmo problema é enfrentado, o que reforça a ideia de que o planejamento não está sendo elaborado de acordo com a demanda da população.

O estudo acima mencionado, também encontra um resultado semelhante ao desta pesquisa, quando aborda o tema das barreiras pessoais. Porém, por se tratar de peculiaridades que circundam as deficiências, as barreiras pessoais enfrentadas pelas pessoas com deficiência visual se diferem, em alguns pontos, daquelas encontradas pelos policiais. Para eles, a falta de interesse, o mau humor, a falta de energia e as tarefas, são pontos relevantes, já a barreira comum aos dois grupos, refere-se ao medo de cair. Em contrapartida, as barreiras pessoais percebidas pelas pessoas com deficiência visual, referem-se à insegurança gerada pelo guia, por não ter ciência quanto ao seu conhecimento e a insegurança gerada pela falta de acessibilidade.

Um outro resultado encontrado tanto no estudo de Jesus e Jesus (2012), quanto neste, mas que se difere completamente, quando interpretado, é referente a presença de uma companhia. Para a população do estudo mencionado, esta presença não é fator obrigatório, apesar de ser vista como uma barreira, porém, as pessoas com deficiência visual, tem essa necessidade (CORDEIRO, 2016). O estudo realizado por Jaarsma et. al. (2014), revela este mesmo obstáculo em seu estudo, relatado pelos participantes com deficiência visual, considerados ativos. Esta barreira é interpretada, no presente estudo, como sendo de recursos humanos. Os entrevistados relatam que a falta de disponibilidade dos guias e o cuidado demasiado apresentado por estes, são entendidos como barreiras para a execução de um treino ou competição de corrida de rua.

Todo o processo de construção de saberes/conhecimento apresentam etapas. Quando há uma visão de continuidade na formação de guias, por exemplo, todos os que os auxiliam apresentam papel importante no resultado final. Ou seja, as pessoas adquirem conhecimento de acordo com suas experiências empíricas e científicas. No caso da formação de pessoas para serem guias, isso acontece muitas vezes de forma empírica. Pode-se perceber então, que os guias são, muitas vezes, reflexos daquilo que as pessoas com deficiência visual os passaram, sendo que estes, não podem se isentar da culpa da falta de conhecimento por parte dos seus guias, pois como conhecedores de todas as dificuldades, também tem o dever de instruí-los da melhor forma possível, sabendo que eventuais acidentes e contratempos podem acontecer.

Com a proposta de sanar esses problemas, ou tentar amenizar tal situação, a Prefeitura de Curitiba tomou uma iniciativa. Em virtude da carência de atletas guias, nas competições esportivas de Curitiba, o Centro de Referência, Qualidade de vida e Movimento (CRQVM), realizou um curso de capacitação, para oitenta pessoas. O principal objetivo desta formação, foi fomentar a participação das pessoas com deficiência visual nas corridas de rua promovidas pela prefeitura, e a preocupação com a inserção social. Além disso, os participantes foram cadastrados, para que a pessoa com deficiência pudesse fazer essa busca. Essa proposta está aliada a missão do CRQVM, que busca promover políticas públicas de atividade física, visando a melhoria da qualidade de vida da população (PREFEITURA DE CURITIBA, 2017).

Este tipo de iniciativa adotada pelo município de Curitiba, também poderia fazer parte do planejamento da cidade de Florianópolis. Esse fator contribuiria para que mais pessoas com deficiência visual pudessem desfrutar de esportes, visto que, um dos maiores relatos dos corredores com deficiência visual, refere-se a falta de guia. Já para aqueles que não possuem deficiência, mas relatam ter a falta de companhia como problema para prática, seria uma forma de solução para seu entrave. Uma outra observação, seria o fato de levar ao conhecimento da população, algumas necessidades particulares das pessoas com deficiência visual e assim, tornar a população mais consciente de seus atos e torná-los capaz de propagar as informações recebidas.

Quanto às barreiras específicas do esporte, na sua subcategoria quanto a organização dos eventos esportivos, resultados como a falta de estrutura dentro do ambiente de competição, restrições na participação, falta de largada diferenciada e até mesmo tentativa de barrar inscrições se mostraram de forma bastante expressiva na fala dos entrevistados. Recentemente, em se tratando sobre este tema, o Deputado Rômulo Gouveia criou um Projeto de Lei nº6.860 de 2017, que dispõe sobre a acessibilidade a eventos realizados ao ar livre, alterando as leis vigentes, sendo elas a lei nº13.146 de 6 de julho de 2015, mencionada neste trabalho a qual se refere sobre a inclusão das pessoas com deficiência e a lei nº10.098 de 19 de dezembro de 2000 que estabelece normas e critérios sobre a acessibilidade (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2017).

O projeto mencionado acima foi criado com a justificativa de que muitos eventos esportivos são realizados durante todo o ano, mas que nem todos podem usufruir devido as restrições de acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Devido à falta de clareza nas leis em vigor, foi acrescentado o parágrafo 3º ao artigo 42 da lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, garantindo o acesso aos eventos culturais e esportivos realizados ao ar

livre, promovidos tanto pelo poder público, quanto por agentes privados. Além deste incremento, foi acrescido um inciso ao artigo 60 da mesma lei, que aponta o planejamento dos elementos de urbanização públicos e privados de uso coletivo, incluindo as instalações provisórias comumente utilizadas em eventos esportivos ao ar livre. Já na lei nº 10.098 de 2000, houve o acréscimo do artigo 24-A, onde relata que as disposições impostas na lei são aplicáveis também, às instalações provisórias de eventos culturais ou esportivos, realizados ao ar livre, sob a promoção do poder público e os agentes privados. A proposta foi aprovada pela comissão de desenvolvimento urbano e aguarda as comissões de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência e Constituição e Justiça e de Cidadania, pois somente depois da publicação oficial e contados 90 dias, esta lei entrará em vigor. Caso seja aprovado por todos, o projeto de lei será benéfico em virtude dos apontamentos relatados pelos participantes.

Segundo as normas para participação de atletas com deficiência em corridas de rua emitido pelo CPB (CPB, 2017), para os atletas com deficiência visual que competem com guia, o uso de um colete na cor laranja, deve ser fornecido para o guia, pela organização da prova, com o objetivo de identificar o guia. Os atletas devem ser alocados em um pelotão diferenciado para que não haja prejuízo na performance. O colete de identificação evitaria que os atletas se chocassem com outras pessoas durante o percurso, e que aqueles que querem correr de forma mais rápida, consigam desviar antecipadamente destes participantes. A largada diferenciada evitaria que as pessoas passassem por cima, ou saíssem empurrando os corredores com deficiência visual, como relatado por um dos corredores deste estudo, que, apesar do pedido pela organização, os demais participantes não o acataram e foram interpretados como mal educados.

Além da utilização dos coletes durante as competições, este poderia estar presente também em situações de treino, já que, devido a sua cor, desperta atenção. Com isso, problemas com pessoas no caminho talvez fossem amenizados. Apesar de não utilizarem coletes, os integrantes do Projeto Sexto Sentido comumente utilizam as camisetas do Projeto. Com isso, para aquelas pessoas que já estão habituadas a correr no mesmo espaço que eles, conseguem identificar com maior facilidade que estão vindo ou indo, corredores com deficiência visual.

As barreiras atitudinais são vistas por Newton e Araújo (2016), como a raiz de todas as outras. Pois é na exclusão das pessoas, consideradas por eles, como vulneráveis, que constitui inúmeros fatores impeditivos da efetiva integração das pessoas com deficiência no meio urbano, que reflete no resultado encontrado, pois houveram inúmeros relatos de atropelamentos na ciclovia, já que não há um lugar adequado para que os praticantes e

amantes da corrida possam realizá-la de forma segura. Ou seja, uma barreira está vinculada a outra.

Um estudo envolvendo pessoas com deficiência e sem deficiência, sendo 6 e 5, respectivamente, teve como objetivo realizar uma reflexão acerca da percepção e entendimento que pessoas com e sem deficiência tinham sobre as barreiras atitudinais (PONTE e SILVA, 2014). Como resultado de pesquisa, foram encontrados apontamentos semelhantes aos apresentados neste trabalho. Os resultados ressaltados são das pessoas com deficiência, apontando que os carros estacionados em locais impróprios são barreiras enfrentadas por estes, assim como neste estudo. Além disso, a falta de respeito frente as faixas de segurança foi relatada no estudo mencionado anteriormente, diferentemente deste, onde foi apontado no contexto esportivo, referente ao desrespeito a largada diferenciada, e não no cotidiano. Por fim, a falta de conhecimento foi outro ponto em comum de ambas as investigações, sendo relacionada a deficiência ou às habilidades do sujeito. Como resultado, os participantes deste estudo relatam ter de ouvir termos inadequados, bem como, comentários piedosos. Vale ressaltar que devido a utilização destes termos inadequados, um dos entrevistados relatou que torna-se constrangedor.

Como solução para o problema atitudinal, Ponte e Silva (2014), afirmam que a promoção de informações possibilita que haja a participação das pessoas com deficiência nas diversas atividades sociais, sem que se deparem com o preconceito e conseqüentemente o enfrentamento de determinadas barreiras. Ainda neste estudo, os autores apontam as barreiras nos transportes como as mais citadas, neste estudo, esta barreira foi uma das menos citadas, e também, encontra-se relacionada com a barreira comunicacional.

Nas barreiras comunicacionais e na informação, os participantes apontaram como obstáculos, a má sinalização presente nas competições, a falta de informações para pegar ônibus, pois os letreiros não são acessíveis e por fim, as dificuldades de comunicação geradas pelas tecnologias. O mesmo participante que relatou encontrar dificuldade com a sinalização, apresentou facilitadores para este problema. Para ele, como possui baixa visão, apenas a utilização de cores contrastantes o auxiliaria, já que muitas vezes, as pessoas que ficam no percurso, apenas indicam de forma gestual, o direcionamento a ser tomado pelos corredores. Ainda como proposta de diminuir a quantia de obstáculos, seria realizar a comunicação de forma sonora, porém, se pensado no custo de ambos os recursos, a utilização de cores tornaria-se mais viável.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), possui diretrizes no que se refere à acessibilidade em veículos de características urbanas para o transporte coletivo de

passageiros, intitulada NBR 14022 (ABNT, 2017). No tópico 7, onde trata sobre a comunicação e sinalização em seu subitem 7.1.2, diz que nos pontos de parada de e/ou plataformas, deve conter sinalização visual, tátil e auditiva, com informações pertinentes aos itinerários. Porém, como exposto nos resultados, a fala de um dos entrevistados revela que o tipo de comunicação existente, não abrange todos os indivíduos, visto que, muitas vezes as letras são pequenas e os letreiros ficam altos. A impossibilidade de comunicação gerada pela forma como esta é feita, faz com que os usuários com deficiência visual encontrem tais dificuldades e tenham que ficar perguntando as informações. Apesar de não estar previsto na norma, a forma como a comunicação visual deve ser feita, os recursos de letras ampliadas poderiam ser suficientes para a população com baixa visão. Já para aqueles que possuem cegueira, a sinalização tátil, em *braille*, poderia ser um recurso, entretanto, não há informações de sua existência.

Nas barreiras comunicacionais, outra categoria de barreiras está inclusa na fala do participante, quando explica que o celular não está bem adaptado, gerando comprometimento na comunicação com o treinador. As dificuldades encontradas para utilizar aparelhos telefônicos também foram relatadas no estudo de Braga et. al. (2017), porém, os participantes compararam marcas dos seus equipamentos e relataram que a *apple*, é um exemplo de acessibilidade. Um estudo a percepção de pessoas com deficiência visual e indivíduos que trabalham com esse público, abordando o tema da acessibilidade, afirma que esse obstáculo é encontrado em virtude do elevado custo das ferramentas de acessibilidade tecnológicas, visto os valores dos *softwares*, além disso, que o aparelho deve ainda, comportar a instalação (REINALDI; JÚNIOR; CALAZANS, 2011). Ou seja, segundo o estudo, o recurso não depende de apenas 1 fator, mas de 2 fatores, para que juntos, possam desempenhar o funcionamento de forma eficiente.

O estudo feito por Reinaldi, Júnior e Calazans (2011), expõe também, sobre as barreiras tecnológicas, a mesma encontrada neste estudo. Os autores mostram que apesar das ferramentas existentes apresentarem facilidade na utilização de equipamentos tecnológicos, ainda existem fatores que dificultam a concretização desta ação. A falta de padronização na construção de páginas da *web* acarreta no comprometimento da leitura eficiente das informações. Além disso, houveram relatos de que as ferramentas nem sempre são capazes de ler os programas ou gráficos. Segundo os autores, se as construções obedecessem a padronização WCAG 2.0, a leitura das páginas seria mais eficaz. A WCAG 2.0 são diretrizes de acessibilidade para conteúdo *web*, com várias recomendações para tornar os conteúdos mais acessíveis (W3C, 2017).

Especificamente neste trabalho, as dificuldades encontradas pelas pessoas com deficiência visual, quanto a acessibilidade dos *sites* das organizadoras de provas, acarretou na dependência de terceiros, na hora de realizar a inscrição. Em um dos relatos é evidente o desconforto desta situação, pois, eles devem passar dados pessoais, enquanto que, se houvesse a possibilidade de realizá-la de forma autônoma, não desencadearia neste fator. No que se refere a acessibilidade dos aplicativos de treino, ou seja, o local destinado para que os atletas recebam os seus treinos e enviem o *feedback* de como foi, ou, por qual motivo o treino não foi realizado, também foram encontradas dificuldades de acesso, pelo mesmo motivo dos *sites*.

Pensando que a pessoa com deficiência apresenta papel importante quanto a minimização de barreiras em seu contexto, estas poderiam contribuir para tal. Por vezes, justamente por não ter conhecimento do universo de entraves postos às pessoas com deficiência, os treinadores podem não ter noção das dificuldades que cercam o universo da prática da corrida de rua. Para que haja a progressão do atleta, deverá haver comunicação entre os dois (treinador e atleta), é então, que a pessoa com deficiência deve pensar junto do seu professor, outras possibilidades de comunicação, para melhores instruções e progressão de suas atividades.

Todas as pessoas possuem direito de ir e vir, porém, nem todos conseguem realizar esses deslocamentos de forma tranquila e autônoma. Quando se fala em pessoa com deficiência, é comum ouvir relatos de que encontram dificuldades para diversas atividades, inclusive o deslocamento. É comum atrelar barreira arquitetônica às pessoas com deficiência motora, porém, estes episódios também ocorrem com pessoas com deficiência visual, como mostrado neste estudo.

Para comprovar a afirmação acima, Coelho e Abreu (2017), realizaram um estudo no nordeste do Brasil, com a finalidade de avaliar o comportamento de consumidores com deficiência visual de acordo com o fator serviço prestado pelos *shopping centers*. Apesar de não ser objetivo da pesquisa, o estudo encontrou como resultado em evidência, as barreiras arquitetônicas, sendo as dificuldades de acesso aos corredores, banheiros, pisos superiores e a falta de informações em *braille*. As informações prestadas pelos entrevistados da pesquisa acima, conferem com a da presente pesquisa, pois um dos participantes relatou não haver acessibilidade dentro do *shopping* por onde ele deve atravessar algumas vezes, dependendo do seu local de treino naquele dia. Em virtude disso, novamente a pessoa com deficiência visual, torna-se dependente de outra pessoa, pela falta de autonomia e segurança gerada por mais uma barreira enfrentada no seu cotidiano.

Apesar de esta pesquisa ser de grande relevância e utilidade para diversas finalidades, por estar ouvindo aqueles que de fato vivenciam as situações descritas até então, o presente estudo não está ausente de limitações. Apesar de o número de entrevistados ser relativamente adequado para um trabalho acadêmico, este não pode representar esta população, visto o número de pessoas com deficiência visual apresentados no estudo. Sobre os participantes, vale destacar que como são pertencentes a um mesmo grupo, possivelmente a trajetória de treinos e competições seja a mesma, sendo interessante explorar corredores com deficiência visual de diferentes municípios e até grupos. Ainda que o entrevistador tivesse contado com essas pessoas, o que pode ser um fator interessante, pois evita constrangimentos frente ao desconhecido, é fundamental que haja maior interação como pesquisador, ou seja, que as respostas dadas as perguntas feitas, possam ser exploradas com mais afinco. Por fim, realizar mais indagações quanto as questões relacionadas ao trabalho, estado civil, se reside sozinho ou não e o nível das competições de rua as quais participa, pois todos esses fatores, podem estar, de alguma forma, atrelado com as barreiras investigadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com este estudo permitem concluir que as pessoas com deficiência visual enfrentam inúmeras barreiras para a prática da corrida de rua, o que sugere que haja maior dificuldade para a manutenção desta prática. Há unanimidade nesta população em afirmar que a maior frequência encontra-se nas barreiras urbanísticas e específicas do esporte. Sendo as causas em virtude do terreno e obstáculos, no caso das barreiras urbanísticas e por questões de insegurança em virtude da falta de acessibilidade, e, em relação ao guia, bem como a falta deste e a desigualdade de participação gerada nas competições, nas barreiras específicas do esporte.

As barreiras estão além das questões específicas do esporte, pois há um universo por de trás deste contexto, com isso, as barreiras atitudinais também foram fortemente mencionadas. Ou seja, ainda estamos em uma sociedade que não consegue enxergar o outro. Já as barreiras comunicacionais e na informação e tecnológicas, indicam que apesar dos avanços tecnológicos, nem todos estão agrupados neste andamento.

Por fim, as menos relatadas são referentes as barreiras arquitetônicas e nos transportes, sendo duas categorias que não encontram-se acessíveis segundo relatos dos entrevistados. Portanto, em desrespeito as normas ABNT.

As políticas públicas com campanhas informativas e a adequação dos espaços relacionados à prática esportiva e ao cotidiano da pessoa com deficiência são necessárias para que haja a oportunidade de desfrutar de uma vida sem barreiras e com maior situação de igualdade. A disseminação de conhecimento referente ao tema, permite que ocorra maior abrangência em diferentes esferas e que assim, estratégias que facilitem a prática esportiva pelas pessoas com deficiência sejam adotadas por todos.

Com isso, em se tratando de aplicações práticas, o estudo apresenta nos quadros a seguir, alguns facilitadores direcionados. O objetivo destes, é que, algumas medidas simples, porém importantes, possam ser melhor visualizadas e implementadas.

Quadro 9 – Direcionamentos práticos para o município

- Criação de políticas públicas para informar a população sobre as necessidades das pessoas com deficiência visual;
- Realizar projetos de treinamento de pessoas para serem guias de corrida;
- Implementação de semáforos sonoros;
- Melhorias quanto a acessibilidade urbanística em geral (calçadas, disposição dos pisos podotáteis) em respeito às normas ABNT;

- Políticas para instigar as pessoas com deficiência a praticarem atividades esportivas;
- Oferecer ambientes adequados para serem realizados treinos;
- Adequações nos sistemas e meios de transporte, de acordo com as normas ABNT.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 10 – Direcionamentos práticos para organizações de eventos esportivos ao ar livre

- Criar espaços acessíveis dentro dos ambientes da competição;
- Oferecer *kits* à todos;
- Disponibilizar banheiros móveis adaptados;
- Oferecer colete de identificação para os guias;
- Incluir categoria de Pessoa com Deficiência (PcD);
- Oferecer premiação em igualdade;
- Oferecer sinalização nos percursos em cores contrastantes e/ou sonora;
- Adequar os espaços de competição à população participante;
- Utilizar *sites* que sejam acessíveis;
- Oferecer largada diferenciada (com 3 minutos de antecedência);
- Utilizar termos adequados para se referir às pessoas com deficiência.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 11 – Direcionamentos práticos para guias de corrida

- Estar, sentir-se e mostrar-se preparado para guiar alguém;
- Não superproteger a pessoa que está guiando;
- Perguntar as suas dúvidas (ninguém melhor para sanar do que a pessoa que vive com);
- Perguntar a melhor forma de guiá-lo, quanto ao lado e forma de segurar a guia;
- Saber o ritmo que a pessoa quer e pode correr;
- Descrever cenários;
- Antecipar o relato de obstáculos;

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 12 – Direcionamentos práticos para a população em geral

- Abrir espaço quando ver uma pessoa com deficiência visual correndo ao lado do seu guia;
- Ofecer ajuda nas travessias;
- Ofecer ajuda para pegar ônibus;
- Perguntar a melhor forma de poder ajudar;
- Não estacionar carro em vagas destinadas às pessoas com deficiência;
- Não estacionar carro em cima das calçadas;
- Não colocar carrinhos de supermercado nas calçadas;
- Respeitar as regras impostas pelas organizadoras de provas de rua.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 13 – Direcionamentos práticos para as pessoas com deficiência visual

- Orientar/ensinar os guias, quanto a forma de condução e comportamento;
- Ser paciente quanto ao aprendizado do guia, sabendo que contratempos acontecem;
- Utilizar camiseta ou colete com cores fortes também nos treinos;
- Conversar com treinador sobre dificuldades de acessibilidade em aplicativos;
- Tentar encontrar soluções junto com o treinador sobre *feedbacks*;

Fonte: Elaborado pelo autor.

REFERÊNCIAS

- ABNT. **Acessibilidade em veículos de características urbanas para o transporte coletivo de passageiros**. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_25.pdf>. Acesso em: 08 de novembro de 2017.
- ABRANTES, G. M.; LUZ, L. M. R.; BARRETO, M. M. **Natação paraolímpica: Manual de Orientação para Professores de Educação Física**. Brasília: Comitê Paralímpico Brasileiro, 2006. 48 p.
- AGUIAR, C. C.; MARTINS, F. S.; PINHO, J. B.; LOPES, J. N. C. O marketing esportivo como ferramenta de valoração das marcas: um estudo de caso da Corrida Rústica Cidade Carinho. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 10, n. 19, p. 11-28, 2011.
- ALMEIDA, T. S.; ARAÚJO, F. V. Diferenças experienciais entre pessoas com cegueira congênita e adquirida: uma breve apreciação. **Revista Interfaces: Saúde Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 1, n. 3, 2013.
- ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A inclusão do deficiente visual nas aulas de educação física escolar: impedimentos e oportunidades. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Maringá, v. 27, n. 2, p. 231-237, 2005.
- AMORIM, M.; CORREDEIRA, R.; SAMPAIO, E.; BASTOS, T.; BOTELHO, M. Goalball: uma modalidade desportiva de competição. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Portugal, v. 10, n. 1, p. 221-229, 2010.
- ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. 1996. 152f. Tese de Doutorado (Faculdade de Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1996.
- ASLAN, U. B.; CALIK, B. B.; KITIS, A. The effect of gender and level of vision on the physical activity level of children and adolescents with visual impairment. **Research in developmental disabilities**, s.l, v. 33, n. 6, p. 1799-1804, 2012.
- BALBINOTTI, M. A. A.; GONÇALVES, G. H. T.; KLERING, R. T.; WIETHAEUPER, D.; BALBINOTTI, C. A. A. Perfis motivacionais de corredores de rua com diferentes tempos de prática. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 37, n. 1, p. 65-73, 2015.
- BARBOSA, A. S. Mobilidade urbana para pessoas com deficiência no Brasil: um estudo em blogs. **Urbe—Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 8, n. 01. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/urbe/2015nahead/2175-3369-urbe-2175-3369008001AO03.pdf>>. Acesso em: 03 de novembro de 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo (Edição revista e atualizada)**. Lisboa: Edições, v.70, 2009.
- BARROZO, A. F.; HARA, A. C. P.; VIANNA, D. C.; OLIVEIRA, J.; KHOURY, L. P.; SILVA, P. L.; SAETA, B. R. P.; MAZZOTTA, M. J. S. Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.12, n.2, p. 16-28, 2012.

BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n.10, p.2989-2997, 2016.

BOAS, L. L. V.; FERREIRA, S. P. A. O papel da estimulação precoce e da escolarização na constituição do sujeito-leitor cego: um estudo de caso. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 13, n. 2, p. 347-374, 2010.

BRAGA, J. C.; JUNIOR, A. C. C. C.; DAMACENO, R. J. P.; ALBERNAZ, N. H. C. **Estudo e relato sobre a utilização pelos deficientes visual**. Disponível em: <http://delivery.acm.org/10.1145/2400000/2393542/p37-braga.pdf?ip=150.162.178.219&id=2393542&acc=ACTIVE%20SERVICE&key=344E943C9DC262BB%2E6BDBE0C8DFC96E73%2E4D4702B0C3E38B35%2E4D4702B0C3E38B35&CFID=1003557442&CFTOKEN=36728079&__acm__=1510153861_f36bcfcea81befcd2a2a3c92581fd730>. Acesso em: 08 de novembro de 2017.

BRASIL. **Decreto nº 186, de 9 de julho de 2008. Regulamenta a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 16 de maio de 2017.

BRASIL. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 6 de dezembro de 2017.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **PROJETO DE LEI N.º 6.860, DE 2017**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=F9CDD9DDA7AE686D7ABC7F91A5D6EEF0.proposicoesWebExterno1?codteor=1527487&filename=AvuIso+-PL+6860/2017>. Acesso em: 04 de novembro de 2017.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n.2, p. 529-539, 2011.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. C. A classificação funcional no esporte paralímpico. **Conexões**, Campinas, v. 12, n. 2, p.132-146, 2014.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: Análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p.679-684, 2006.

CARVALHO, T.; NÓBREGA, A. C. L.; LAZZOLI, J. K.; MAGNI, J. R. T.; REZENDE, L.; DRUMMOND, F. A.; OLIVEIRA, M. A. B.; ROSE, E. H.; ARAÚJO, C. G. S.; TEIXEIRA, J. A. C. Posição oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte: atividade física e saúde. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 79-81, 1996.

CBDV-Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais. **Modalidades**. Disponível em: <<http://cbdv.org.br/pagina/modalidades-esportivas>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.

CBJ – Confederação Brasileira de Judô. **Paralímpico**. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/paraolimpico/>>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

- COELHO, P. F. C.; ABREU, N. R. As consequências das falhas nos encontros de serviço em *shopping centers*: Um estudo com consumidores deficientes visuais. **Revista Brasileira de Marketing – ReMark**, São Paulo, v. 16, n.2, p. 230-242, 2017.
- CORDEIRO, P. A. C. Atividade Física e o Bem-Estar para Pessoas Cegas. 2016. 85f. Dissertação (Mestrado – Educação Física), Universidade de Trás – os Montes e Alto Douro, Vila Real, 2016.
- CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro. **Normas para participação de atletas com deficiência em corridas de rua**. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/normas/norma07_anexoii.pdf>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.
- DALLARI, M. M. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. 2009. 130 f. Tese (Doutor em Educação) – Faculdade de educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. Deficiência, direitos humanos e justiça. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 64-77, 2009.
- FAGUNDES, F. W. **Fatores motivacionais em corredores de rua**. 2015. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso – (Graduação em Bacharelado em Educação Física) – Curso de Bacharelado em Educação Física, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.
- FELIPETTO, H. S.; ELIAS, A. R.; CARVALHO, L. F. D.; DUARTE, E.; ALMEIDA, J. G. Sistema de auxílio à navegação com monitoramento e orientação remota adaptado para o treinamento de atletas cegos em pista de atletismo. In: XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto – SBSR, 16, 2013, Foz do Iguaçu, PR. **Anais do XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto – SBSR**. Foz do Iguaçu, 2013, p. 4474-4479.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, L. B. **CORRIDA DE RUA: qualidade de vida e desempenho**. 2007. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em Bacharelado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.
- GORLA, J. I.; SILVA, A. A, C.; CAMPOS, L. F. C. C.; SANTOS, C. F.; ALMEIDA, J. J. G.; DUARTE, E.; QUEIROGA, M. R. Composição corporal e perfil somatotípico de atletas da seleção brasileira de futebol de 5. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 39, n. 1, p. 79-84, 2017.
- GOSTON, J. L.; MENDES, L. L. Perfil nutricional de praticantes de corrida de rua de um clube esportivo da cidade de Belo Horizonte, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 13-17, 2011.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013: Ciclos de vida: Brasil e grandes regiões**. Rio de Janeiro, 2015.
- IBSA – International Blind Sports Federation. **Athletics - General information**. Disponível em: <<http://www.ibsasport.org/sports/athletics/>>. Acesso em: 16 de maio de 2017.

IPC. **Sobre o IPC**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/>>. Acesso em: 30 de maio de 2017.

JAARSMA, E. A.; DEKKER, R.; KOOPMANS, S. A.; DIJKSTRA, P. U.; GEERTZEN, J. H. B. Barriers and facilitators of sports participation in people with visual impairments. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Holanda, v. 31, Ed. 3, p. 240-264, 2014.

JESUS, G. M.; JESUS, E. F. A. Nível de atividade física e barreiras percebidas para a prática de atividades físicas entre policiais militares. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 433 - 448, 2012.

KIRCHNER, C. E.; GERBER, E. G.; SMITH, B. C. Designed to deter: community barriers to physical activity for people with visual or motor impairments. **American journal of preventive medicine**, Michigan, v. 34, n. 4, p. 349-352, 2008.

LIMA, C. R. F.; GORGATTI, M. G.; DUTRA, M. C. A influência do esporte na qualidade de vida das pessoas com deficiência visual. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, João Pessoa, v. 8, n. 23, p. 40-47, 2010.

MACHADO, R. R.; PALMA, L. E.; MANTA, S. W.; LEHNHAR, G. R. Um diagnóstico sobre a prática de atividades físicas por pessoas com deficiência visual. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v. 13, n. 4, p. 33-48, 2015.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2012.

MENDONÇA, A. A. S. Escola inclusiva: barreiras e desafios. **Revista encontro de pesquisa em educação**, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 4-16, 2013.

MESSA, A. A.; NAKANAMI, C. R.; LOPES, M. C. B. Qualidade de vida de crianças com deficiência visual atendidas em Ambulatório de Estimulação Visual Precoce. **Revista Arquivos Brasileiros de Oftalmologia**. São Paulo, v. 75, n. 4, p. 239-242, 2012.

MEZZAROBA, C.; MENDES, D. S.; ZOBOLI, F.; DORENSKI, S. Dos equipamentos de esporte e lazer ao problema da acessibilidade na orla de Atalaia. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 39, p. 35-56, 2012.

MORATO, M. P.; GOMES, M. S. P.; ALMEIDA, J. J. G. Os processos auto-organizacionais do goalball. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**. Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 741-760, 2012.

MORATO, M. P.; GOMES, M. S. P.; SCAGLIA, A. J.; ALMEIDA, J. J. G. A mediação cultural no futebol para cegos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 45-63, 2011.

MORGADO, F. F. R.; CAMPANA, A. N. N. B.; MORGADO, J. J. M.; FORTES, L. S.; TAVARES, M. C. G. C. F. Facilitadores e barreiras percebidos por pessoas com cegueira congênita para a prática de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 19, n. 3, p. 379-394, 2013.

NEWTON, P. C. C.; ARAÚJO, L. A. D. Vulnerabilidade e espaço urbano: Medidas para a desconstituição dos obstáculos urbanos no cerne da lei n.13.146, de 6 de julho de 2015, de

inclusão da pessoa com deficiência. **Revista de Direito Urbanístico, Cidade e Alteridade**, Brasília, v. 2, n. 1, p.137 – 157, 2016.

NOGUEIRA, C. M. P. **O fisioterapeuta e a acessibilidade das pessoas com deficiência física**. 2007. 69f. Dissertação de Mestrado – (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - – Programa de Pós Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2007.

NUNES, S. S.; LOMÔNACO, J. F. B. Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 119-138, 2008.

OLIVEIRA FILHO, C. W.; ALMEIDA, J. J. G.; VITAL, R.; CARVALHO, K. M. M.; MARTINS, L. E. B. A variação da acuidade visual durante esforços físicos em atletas com baixa visão, participantes de seleção brasileira de atletismo. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 254-258, 2007.

OMS-Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial sobre a Deficiência**. São Paulo: 2012. 334 p.

PEREZ, F. C. **Guias de atletas com deficiência visual: Estudo exploratório de motivações presentes nesta relação**. 2008. 102f. Dissertação de Mestrado – (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Programa de Pós Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008.

PONTE, A. S.; SILVA, L. C. A acessibilidade atitudinal e a percepção das pessoas com e sem deficiência. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 23, n. 2, p. 261 – 271, 2015.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Centro de Referência Qualidade de Vida e Movimento Professor Nelson Lopes Pereira**. Disponível em:

<<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/centro-de-referencia-qualidade-de-vida-e-movimento-smelj/147>>. Acesso em: 03 de novembro de 2017.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Curitiba implanta semáforos especiais para pessoas com mobilidade reduzida**. Disponível em: < <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-implanta-semaforos-especiais-para-pessoas-com-mobilidade-reduzida/36127> >. Acesso em: 03 de novembro de 2017.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Curso forma guias para atletas com deficiência visual**. Disponível em: < <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curso-forma-guias-para-atletas-com-deficiencia-visual/31624>>. Acesso em 3 de novembro de 2017.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. **Lei complementar n. 482, de 17 de janeiro de 2014**. Disponível em:

<http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/04_02_2014_12.01.39.ae8afdb369c91e13ca6efcc14b25e055.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2017.

RANGEL, G. M. M.; FARIAS, J. M. Incidência de lesões em praticantes de corrida de rua do município de criciúma, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 6, p. 496-500, 2016.

- RAVENSBERGEN, H. J. C.; MANN, D. L.; KAMPER, S. J. Expert consensus statement to guide the evidence-based classification of Paralympic athletes with vision impairment: a Delphi study. **British Journal of Sports Medicine**. Austrália, p. 1-6, 2016.
- REBOUÇAS, C. B. A.; ARAÚJO, M. M.; BRAGA, F. C.; FERNANDES, G. T. ; COSTA, S. C. Avaliação da qualidade de vida de deficientes visuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 69, n. 1, p. 72-78, 2016.
- REINALDI, L. R.; JÚNIOR, C. R. C.; CALAZANS, A. T. S. Acessibilidade para pessoas com deficiência visual como fator de inclusão digital. **Universitas: Gestão e TI**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 35–61, 2011.
- ROJO, J. R. Corridas de rua, sua história e transformações. In: VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 7., 2014. Matinhos, PR. **Anais do VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/7csbce/2014/index>>. Acesso em: 8 de maio de 2017.
- SÁ, E. D.; CAMPOS, I. M.; SILVA, M. B. C. **Atendimento educacional especializado em deficiência visual**. Curitiba: Cromos, 2007.
- SALGADO, J. V. V.; MIKAIL, M. P. T. C. Corrida de rua: Análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v.4, n.1, p. 90-99, 2006.
- SANFELICE, R.; SOUZA, M. K.; NEVES, R. V. P.; ROSA, T. S.; OLHER, R. R.; SOUZA, L. H. R.; NAVARRO, F.; EVANGELISTA, A. L.; MORAES, M. R. Análise qualitativa dos fatores que levam à prática da corrida de rua. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 11, n. 64, p. 83-88, 2017.
- SÃO SILVESTRE. **Corrida de São Silvestre encerra inscrições com 30 mil participantes**. Disponível em: <<http://www.saosilvestre.com.br/corrida-de-sao-silvestre-encerra-inscricoes-com-30-mil-participantes/>>. Acesso em: 6 de junho de 2017.
- SCELZA, W. M.; KALPAKJIAN, C. Z.; ZEMPER, E. D.; TATE, D. G. Perceived barriers to exercise in people with spinal cord injury. **American Journal Physical Medicine & Rehabilitation**, Porto Rico, v. 84, n. 8, p. 576-583, 2005.
- SCHERER, R. L.; LOPES, A. S. Atividade física habitual em adultos com deficiência visual: uma revisão sistemática. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 234-247, 2013.
- SERON, B. B.; DE ARRUDA, G. A.; GREGUOL, M. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 37, n. 3, p. 214-221, 2015.
- SERON, B. B.; INTERDONATO, G. C.; LUIZ JUNIOR, C. C.; GREGUOL, M. Prática de atividade física habitual entre adolescentes com deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 231-239, 2012.
- SHIELDS, N.; SYNNOT, A. J.; BARR M. Perceived barriers and facilitators to physical activity for children with disability: a systematic review. **British Journal of Sports Medicine**, Inglaterra, v. 46, n. 14, p. 989-997, 2012.

- SILVA, E. L.; RODRIGUES, G. M. O Acesso ao esporte para crianças e adolescentes com deficiência: da acessibilidade aos programas públicos. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 16., e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 3., 2009. Salvador. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 16., e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Salvador, 2009, p. 1-12.
- SILVA, M. R.; NOBRE, M. I. R. S.; CARVALHO, K. M.; MONTILHA, R. C. I. Visual impairment, rehabilitation and International Classification of Functioning, Disability and Health. **Revista Brasileira de Oftalmologia**. Rio de Janeiro, v. 73, n. 5, p. 291-301, 2014.
- SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2: **A pesquisa científica**. In: GERHARDET, T. E.; SILVEIRA, D. T.(Orgs.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da URS, p. 31-42, 2009.
- SIMIM, M. A. M.; CALSAVARA, C. Q.; SILVA, B. V. C.; MOTA, G. R.; MOREIRA, H. F. Futebol de cinco para deficientes visuais. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. São Paulo, v.7, n.24, p.231-236, 2015.
- SIQUEIRA, I. M.; SANTANA, C. S. Propostas de acessibilidade para a inclusão de pessoas com deficiências no ensino superior. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 16, n. 1, p. 127-136, 2010.
- SOUSA, N. **CBDC – Confederação Brasileira de Desporto para Cegos**. Disponível em:<<http://www.lerparaver.com/diretorio/cbdc-confederacao-brasileira-desportos-cegos>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.
- SOUZA, P. C.; BRUEL, M. R. Atletismo para deficiente visual. **Revista Ágora**. Espírito Santo, v. 16, n. 2, p. 409-413, 2012.
- TORRES, E. F.; MAZZONI, A. A.; MELLO, A. G. Nem toda pessoa cega lê em Braille nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 33, n. 2, p. 369-385, 2007.
- TORRES, V. M. F.; VIEIRA, S. C. M. Qualidade de vida em adolescentes com deficiência. **Revista CEFAC**. Campinas, v. 16, n. 6, p. 1953-1961, 2014.
- TRUCCOLO, A. B.; MADURO, P. A.; FEIJÓ, E. A. Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. **Motriz. Revista de Educação Física**. UNESP, Rio Claro, v. 14, n. 2, p. 108-114, 2008.
- VERÍSSIMO, A. W.; RAVACHE, R. **Atletismo paralímpico: Manual de Orientação para Professores de Educação Física**. Brasília: Comitê Paralímpico Brasileiro, 2006. 60p.
- VIEIRA, C. S.; SOUZA JÚNIOR, W. R. **Judô paralímpico: Manual de Orientação para Professores de Educação Física**. Brasília: Comitê Paralímpico Brasileiro, 2006. 31 p.
- W3C. **Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web (WCAG 2.0)**. Disponível em: <<https://www.w3.org/Translations/WCAG20-pt-PT/>>. Acesso em: 08 de novembro de 2017.
- WEINECK, J. **Atividade física e esporte para quê?**. São Paulo: Manole, 2003.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****“ACESSIBILIDADE NAS CORRIDAS DE RUA: BARREIRAS PERCEBIDAS PELAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL”**

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa **“ACESSIBILIDADE NAS CORRIDAS DE RUA: BARREIRAS PERCEBIDAS PELAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL”**, realizada na cidade de Florianópolis-SC. O objetivo da pesquisa será identificar as barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual para a prática da corrida de rua.

A sua participação é muito importante e ela se dará da seguinte forma: para realizar a pesquisa será necessário que você responda a uma entrevista para investigar informações gerais como tempo de prática na corrida e percepções sobre as barreiras enfrentadas para a prática esportiva. Este procedimento será realizado em um local e data, previamente estipulado por você e pelo entrevistador. Para posterior investigação, a entrevista será gravada.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Salientamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Porém, acrescentamos que, apesar dos esforços e das providências necessárias tomadas pelo pesquisador, sempre existe a remota possibilidade de quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional, mesmo assim redobramos os cuidados para que isto não aconteça. Nos resultados deste trabalho o seu nome não será revelado, ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Informamos que os resultados poderão ser apresentados em eventos ou periódicos científicos, garantindo-lhe o direito ao anonimato e resguardo de sua privacidade.

Os benefícios esperados com esta pesquisa é a obtenção de dados sobre as diversas barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência visual na prática da corrida de rua. As informações obtidas poderão servir de alerta para técnicos, atletas e órgãos competentes. Este estudo não apresenta riscos de natureza física a você, no entanto, existe a possibilidade de mobilização emocional relacionada ao tema, como por exemplo, causar constrangimento ou aborrecimento no momento de perguntas quanto ao cotidiano e barreiras enfrentadas. Contudo, estamos dispostos a ouvi-lo(a), interromper a entrevista, retornando a coletar os dados sob a sua anuência, tão logo você esteja à vontade para continuá-la ou desistir.

Informamos que os senhores não pagarão nem serão remunerados por sua participação. Igualmente, garantimos a você o direito a indenização, caso ocorra qualquer dano vinculados à participação neste estudo.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contactar (Pesquisador responsável: JÉSSICA DIAS FELICIANO, Rua Deputado Antônio Edu Vieira, 1422 apto. 627, Bloco II, Pantanal, Santa Catarina, Telefones: 48 – 98500-6814, email: jeeufsc@gmail.com). Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Acadêmica Jéssica Dias Feliciano
Pesquisadora responsável

Nesses termos e considerando-me livre e esclarecido (a) sobre a natureza e objetivo do estudo proposto, consinto minha participação voluntária

Nome por extenso: _____

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semi-estruturada

Roteiro de perguntas: Acessibilidades nas corridas de rua: Barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual	ID:
---	------------

1. Qual a sua idade e sexo?
2. Qual a região onde você mora?
3. Qual o seu nível de escolaridade? OU Até que série você estudou?
4. Sua deficiência visual é congênita (você nasceu com) ou ela é adquirida? Em caso de adquirida, qual o ano?
5. Qual a grande dificuldade na vida?
6. Como descobriu a corrida para pessoas com deficiência visual? Logo que descobriu, começou a praticar? Quanto tempo faz que isso aconteceu?
7. O que significa correr para você?
8. Como é sua rotina em um dia de treino?
9. Como é sua rotina em um dia de competição?
10. Qual a sua frequência de treinos? Se pudesse, treinaria mais vezes?
11. Quais são as suas percepções e sensações durante o ato da corrida? Quais as maiores dificuldades encontradas quando você está correndo?
12. Qual é o local onde você geralmente vai treinar?
13. Realiza alguma outra prática além da corrida?

APÊNDICE C – Quadros de resultados por barreiras

Barreiras arquitetônicas (1)	
Em situações de competição (0)	
<p>Em situações de deslocamento (1) “...Por que que tu acha que é mais chato de atravessar? Porque ou tu passa por dentro do shopping, que daí é todo sem acessibilidade né Uhum Ou então tem que ir ali pela lateral, também que eu não, não me sinto muito segura...” (C6) “...Uhum e a locomoção que tu falou que dentro do shopping não tem ace, não tem acessibilidade, é, geralmente alguém te ajuda ou não? Geralmente sim, os seguranças sempre ajudam né. Quando eu trabalhava no ce, no centro, no, na Mauro Ramos que daí eu pegava o canasvieiras e descia ali, as, muitas vezes eu me arrisquei atravessar sozinha o shopping, mas é bem mais demorado, porque daí tem que ir devagarinho, desviando das coisas...” (C6)</p>	<p>Shopping sem acessibilidade (C6) Desviar das coisas dentro do shopping (C6)</p>
Em situações de treinos (0)	

Barreiras urbanísticas (7)	
<p>Em situações de competição (4) “...E geralmente nas competições aonde tu vai, tem bastante buraco e lombada? Ééé, tem, tem, porque, é, às vezes corre é, dentro da cidade então, sempre...” (C1) “...Assim, pensa, éé, em um dia de competição, por exemplo, ai é, eu sinto dificuldade pra é, me orientar no percurso, eu sinto dificuldade pra alguma coisa, o que que tu encontra de dificuldade quando tu tá correndo? Ééé, me desviar dos obstáculos. E quais são os obstáculos?...ãh, tens que assim ah, é, desviando de buracos, meio fio...” (C1) “...às vezes, tem percurso que a, que tem muita subida, muita descida, degrau é, buraco, degrau pra subir pra calçada, subida descida. Isso tudo também é dificuldade...” (C2) “...a pista, tipo, é tudo plano, é, eu me e, eu me sinto mais segura porque é tudo plano e na rua já não, na rua já tem, às vezes tem muito desnível...” (C2) “...em corridas de rua, por exemplo, que tem muitas, muitas entradas que não, tem corrida, tem as corrida de ruas que são na, na beira mar, tem umas que, umas corrida de ruas que, que são em lugares onde tem muitas entradas...” (C2) “...a gente passa por caminhos né, imagina a gente, lá no volta à Ilha a gente faz trilhas em lugares né, com bastante pedra, né, difícil acesso, éé, a gente, ou, se corre na rua, às vezes a gente passa por degraus, por rampas, por, ou lugares estreitos né...” (C3) “...dependendo do lugar onde você tá, porque às vezes tem lugar que é plano, que é perfeito de correr, tem lugares que você vai correr, tem muito buraco, tem muito degrau, tem muito mato, tem, pedras, tem pedaços de pau, de madeira...” (C4)</p>	<p>Buracos no percurso (C1, C2) Lombadas no percurso (C1) Meio fio (C1) Subida (C2) Descida (C2) Degrau (C2, C3) Desnível (C2) Corridas onde tem muitas entradas (C2) Rampas (C3) Lugares estreitos (C3) Mato (C4) Pedra (C4) Pedaço de pau (C4) Madeira (C4)</p>
<p>Em situações de deslocamento (2) “...E como é que era o trajeto assim? É, quanto a pegar ônibus, quanto a se locomover na rua? Eu acho que era, assim, tranquilo tranquilo não dá pra dizer que é, porque sempre tem uma tensãozinha ou outra né?! Uhum. Por</p>	<p>Movimento na rua (C6) Esbarrar em alguma</p>

<p>que? É, por conta do movimento na rua, as inseguranças que a gente tem, em quere, em esbarrar em alguma coisa, ou pisar em algum buraco...”(C6)</p> <p>“...Uhum. Antes tinhas falado no, do trajeto de é ter medo de encontrar obstáculos, quais são os tipos de obstáculos? Geralmente é orelhão, caminhão, o que mais, os buracos mesmo né Uhum Algum carrinho de supe, de, aqueles de catador de lixo né, que tem aqueles negócios altos assim Uhum É, eu acho que são esses assim, e lixeira também Isso tudo fica onde? Esses obstáculos... É mais no centro né...” (C6)</p> <p>“...Porque as coisa, o ca, o trajeto acaba se, geralmente, por exemplo, ali na beira mar né, se eu for de ônibus, aí eu tenho que esperar alguém ali porque daí tem que atravessar aquela, aquela rua ali e ge, geralmente quando tem corrida né, eles, acabam colocando outras coisas no, no caminho né, por exemplo, aquelas barraquinhas, então, pra conseguir se achar lá é bem mais difícil...” (C6)</p> <p>“...seria bem complicado por falta de acessibilidade, por exemplo ãn, quando se treina na beira mar norte, eu, já atravessei em alguns momentos, é claro que se houvesse necessidade a gente teria que buscar uma forma de fazer isso, mais são lugares que eu não tenho, eu, realmente, não tenho segurança para fazê-lo sozinho Uhum e por que que não tem segurança? Em função dessa falta de acessibilidade, são, o trânsito é, é complicado, são muitas vias, em vários sentidos, e, não existem sinais sonoros nestas vias, éé, são vias rápidas e isso gera bastante insegurança...” (C7)</p>	<p>coisa indo para o treino (C6)</p> <p>Pisar em buracos indo para o treino (C6)</p> <p>Orelhão no caminho (C6)</p> <p>Lixeiras no caminho (C6)</p> <p>Atravessar as ruas da beira mar (C6, C7)</p>
<p>Em situações de treinos (7)</p> <p>“...Esses 10% que tu enxerga o quanto ele é benéfico pra tua corrida? Tu acha que esses 10% te ajuda para correr? Ajuda bastante. É, tanto que, ah, na pista, é, em uma pista eu consigo correr sozinho. Uhum. Na rua aí fica mais difícil...” (C1)</p> <p>“Aham e no percurso assim, pra fazer o percurso sozinho. Como é que foi? É a minha dificuldade foi é os quebra-mola...” (C1)</p> <p>“...tem que andar mais na rua do que na calçada, porque a calçada não é, não é aquelas, não é muito boa não... tem alguns é assim, alguns buraco é, e e é uma calçada assim, meio estreita e aí é melhor ir no asfalto mesmo do que na calçada...” (C1)</p> <p>“...E como é que é, treinar lá na beira mar pra ti? Por que que na calçada é muito diferente da pista? Ah, é que, a calçada tem desvios, a pista não...” (C1)</p> <p>“...Então, eu, eu já treinava lá, antes de treinar com o meu treinador, daí eu comentei com ele, e ele acabou passando os treinos de onde ele treinava, que era, era num CTG, só que lá é muito ruim de treinar, porque o terrero era muito irregular né, daí era muito mais fácil de tropeçar, de cair, e aí ele acabou passando pro Deltaville...” (C2)</p> <p>“...pra ir e pra voltar do treino, é bem tranquilo assim o percurso, quando, quando já me acostumo, eu já sei onde tem subida, descida, aí eu não, não, não sinto nenhuma dificuldade, eu sinto dificuldade quando é um lugar que eu não conheço, que aí eu não sei onde é que tem subida, onde é que tem descida...” (C2)</p> <p>“...os desafios da, da acessibilidade né, éé, porque, os percursos, as calçadas né, isso, pra gente, às vezes é um pouco, às vezes não, sempre é desgastante, é, você bota, coloca o pé pra fora da da da da casa, já, já começa o desafio ali, ali já começa né, a superação, porque, calçadas quebradas, às vezes você tem que ir pela rua, só que daí vem, tem os carros estacionados, daí você não pode muito rente dos carros, porque pode bater no espelho e, e quebrar o espelho do carro, aí você vai um pouco, aí vem o carro, aqui, principalmente, no bairro onde eu moro, isso é bem comum...” (C3)</p>	<p>Rua sem acessibilidade (C1)</p> <p>Quebra-mola (C1)</p> <p>Buracos (C1)</p> <p>Calçada estreita (C1, C7)</p> <p>Ter de fazer desvios (C1)</p> <p>Terreno irregular (C2)</p> <p>Subida (C2)</p> <p>Descida (C2)</p> <p>Calçadas quebradas (C3)</p> <p>Falta de espaço seguro para treino (C3)</p> <p>Muita gente caminhando na calçada, dificulta o treino (C3)</p> <p>Ter que treinar na ciclovia e disputar espaço com ciclistas, prejudicando treino</p>

<p>“...Pra fazer às vezes uns treinos mais longos né, pra não ficar muito. Então, a gente não tem esse espaço seguro...” (C3)</p> <p>“...então não dá pra ir pela calçada, mesmo na calçada ali, a gente enfrenta bastante desafio, porque é muita gente caminhando, muita gente...” (C3)</p> <p>“...então ali o grande desafio na na na assim, e que às vezes você, por exemplo, tá dando tiro, é, vem um grupo de ciclismo, ciclista, você tem que reduzir, você tem que parar, então, acaba éé, de certa forma, prejudica um pouco o teu treino né, não é aquilo...” (C3)</p> <p>“...então assim, a beira mar ainda é o único recurso né, da gente, e ali, as assessorias ficam por ali, enfim, mas é, é um lugar que é sempre cheio, ali, às vezes é difícil de...” (C3)</p> <p>“...O piso guia, ele dói um pouco os pés, devido as bolinhas né, tarem no chão, eu acredito que pra mim dificultou um pouquinho mais e questão de, da calçada, é porque tem várias pessoas caminhando ali na calçada, elas não estão correndo, então, às vezes dificulta porque a gente tem que desviar...” (C4)</p> <p>“...Ah, é bem difícil porque são pessoas mais de idade né, então elas já se, tem um pouco de dificuldade já pra andar, então, quando elas verem, a gente já tá de frente, então não, às vezes não tem como abrir, e o espaço não é tão grande assim que dê pra gente éé, ir por outro lado e não passar por eles, tem que passar por ali...” (C4)</p> <p>“...Agora se eu for treinar perto de casa, em qualquer rua, aí tem as dificuldades da do atravessar a rua, a dificuldade de de de sobe calçada, desce calçada, então quer dizer, é, a gente corre de teimoso na verdade, porque não tem nem, não tem como né?!...” (C5)</p> <p>“...Aaaah, exatamente são as, são os, são as pessoas, que estão no percurso, e, isso que eu digo é na beira mar...” (C5)</p> <p>“...como é que eu vou dar um tiro na beira mar? De repente entra uma criança, um cachorro, alguém no meio do caminho, é um acidente...” (C5)</p> <p>“...Uhum, e o que que tu acha do percurso da beira mar? Ah, eu gosto de correr na beira mar, eu acho tranquilo Uhum Dependendo do dia né, tem dias que quando tem muita gente daí acaba sendo meio complicado, mais no geral, eu tenho gostado. Por que que tu acha mais complicado quando tem bastante gente? Porque daí o treino já fica um pouco inseguro, porque aí tu tem, tu tá correndo, né, numa velocidade, ali, boa daí, do nada surge alguém na tua frente, aí tu tem que freiar, e, corre risco né, de acabar, esbarrando em alguém mesmo né?!...” (C6)</p> <p>“...Mas a minha maior dificuldade, por exemplo, éé, é se eu for correr, por exemplo, agora eu lembrei de uma coisa importante, que de repente é bom falar, éé, por exemplo, teve uma época que a gente treinava na pista mesmo, ali na ciclovia Uhum Junto com as bike tudo né, e, uma vez aconteceu de, até então, até acontecer aquele episódio, eu sempre tava tranquila né, quando eu escutava o barulho da bike, que às vezes tu escuta né, um barulhinho Uhum Aí eu já, ia mais pro lado do guia, enfim, só que daí uma vez aconteceu um episódio de, de um ciclista atropelar nós, mas assim, não, não machucou, não, não deu grandes estragos, digamos assim né?! (risos) Mas não foi culpa dele, ele tentou desviar da gente, só que, vinha dois ciclistas de encontro a ele, que não, acabaram apertando ele né Uhum Aí ele, tentou de todo jeito, mas ele não conseguiu E por que que vocês tavam treinando na ciclovia ao invés de tá treinando em outro lugar? Porque a guia, que tava treinando comigo, ela achava melhor correr ali do que na, na calçada, que na calçada tinha muita gente, ela achava que não ia, que não ia ser, não ia ser bom né, a gente ia acabar se atrapalhando muito e tal...” (C6)</p> <p>“...a beira mar continental ela também é legal, mas as calçadas são muito estreitas e a gente não corre na ciclovia, né, a gente procura respeitar esse</p>	<p>(C3)</p> <p>Beira-mar é o único recurso, porém, é um lugar cheio, por conta das assessorias, dificultando treino(C3)</p> <p>Piso guia dói os pés (C4)</p> <p>Pessoas mais velhas com dificuldade de desviar (C4)</p> <p>Atravessar a rua (C5)</p> <p>Subir calçada (C5)</p> <p>Descer calçada (C5)</p> <p>Pessoas que aparecem no percurso (C5, C6)</p> <p>Crianças que aparecem no caminho (C5)</p> <p>Cachorros que aparecem no caminho (C5)</p> <p>Muita gente no percurso (C6)</p> <p>Atropelamento por treinar na ciclovia (C6)</p>
---	--

espaço do do do, do ciclista também, mais, na falta de, é uma possibilidade...” (C7)	
--	--

Barreiras tecnológicas (2)	
Em situações de competição (1) “...Olha, começando pelas inscrições, nem sempre é possível a gente fazer as inscrições em função da da, da falta de acessibilidade nos <i>sites</i> , então começa por aí, então a gente tem sempre que pedir pra alguém, e passar dados pessoais, enfim...” (C7)	Falta de acessibilidade nos <i>sites</i> para realizar inscrições para prova (C7)
Em situações de deslocamento (0)	
Em situações de treinos (2) “...mas e por que que ele não passa diretamente pra ti o treino? Porque eu não tenho um aplicativo lá de planilha, daí, ela só vem com, tipo, modelo e data, o meu celular ele não tá bem adaptado pra isso (risos)...” (C4) “...Uhum tu falou, falasse um pouquinho dos recursos, éé, como é que tu recebe os teus treinos? Eu recebo os meus treinos, por e-mail, e, em arquivo PDF ãn, talvez não seja o mais adequado, né Por que? Geralmente ele vem numa planilha e às vezes os recursos que a gente usa, por exemplo, pra eu usar com o celular, ele faz uma leitura contínua, muitas vezes, então, eu tenho que ler, palavra por palavra...” (C7) “...e é, uma outra coisa que o pessoal usa bastante, é um aplicativo pra dizer se tu fez ou não o treino, então, nem sempre esses aplicativos estão acessíveis pra que a gente possa preencher todos os dados adequadamente...” (C7)	Falta de aplicativo de planilha no celular para receber treinos (C4) Treino por e-mail ou PDF, leitura pausada (C7) Falta de acessibilidade no aplicativo de feedback do treino (C7)

Barreiras comunicacionais e na informação (4)	
Em situações de competição (2) “...quais são as maiores dificuldades encontradas quando você está correndo? Maiores dificuldades... Pensa principalmente nas corridas de rua Ah nas corridas de rua é a sinalização Uhum Que a, tem corrida de rua que muito, muito mal sinalizada assim Em que sentido? Como assim? Assim, por exemplo no retorno, que eles não, às vezes eles não falam coisas tipo, aah tem que ir para direita ou tem que ir para esquerda...” (C2) “...já até corri, corri sozinha só que o que, o que me dificultou muito, quando eu corri sozinha, foi isso, foi a sinalização que eu não sabia pra que lado que eu ia...” (C2) “...Porque eles faziam sinais, só que eu não conseguia enxergar os sinais que eles faziam, se eles tivessem, se eles falassem assim, aah pra direita, pra esquerda, eu ia me localizar melhor...” (C2) “...Todas as vezes que eu, todas as vezes nesses percursos que eu corri sozinha eu tive que parar pra perguntar pra onde que eu tinha que ir...” (C2) “...Eu parei várias vezes porque eu, eu me senti perdida assim, desorientada, porque eles, eles só faziam sinais, aí eu não, não escutava nada, não falavam nada, direita ou esquerda...” (C2) “...tem, tem essa questão de, de corrida de rua falta de sinalização, na corrida de, na corrida de pista não tem, não tem isso né?!” (C2) “...an, largada diferenciada hoje, é, em todas as provas que eu participei, elas tem largada diferenciada, an, uma coisa que eu percebo, é que eu não	Sinalização mal feita (C2) Sinalização com sinais e a impossibilidade de enxergar (C2) Parar para perguntar o caminho (C2) Falta de sinalização (C2) Não saber se há o desconto do tempo em virtude da largada antecipada (C7)

<p>sei se o tempo realmente ele é descontado de acordo com a saída, que a gente faz uma saída antecipada então não sei se esse tempo, é, geralmente é descontado como fazem, ah, tem uma prova com muitas pessoas, aí pessoa vai passar pelo portal 10 minutos depois do primeiro, então lá, tem o tempo líquido, e conosco eu realmente não sei se isso acontece, deveria acontecer...” (C7)</p>	
<p>Em situações de deslocamento (2) “...Pra pegar o ônibus, eu, eu peço ajuda porque eu não consigo ler o letreiro Uhum Daí eu fico perguntando qual, qual ônibus que é E geralmente as pessoas te ajudam assim, abertamento, ou tem algum Aah ajudam só que eu explico, que ah, que eu tenho baixa visão e eu não consigo, não consigo enxergar o letreiro...” (C2) “...Por que que não sente segura? Porque eu não costumo muito ir por ali, não conheço, exatamente bem o caminho, e tem algumas, alguns, chega um determinado ponto ali que, eu fico toda confusa, não sei se eu vou pra esquerda, não sei se eu vou para direita...” (C6)</p>	<p>Não consegue enxergar o letreiro para pegar ônibus (C2)</p> <p>Falta de sinalização no deslocamento para o treino (C6)</p>
<p>Em situações de treinos (1) “...mas e por que que ele não passa diretamente pra ti o treino? Porque eu não tenho um aplicativo lá de planilha, daí, ela só vem com, tipo, modelo e data, o meu celular ele não tá bem adaptado pra isso (risos)...” (C4) “...Uhum, e, como é que tu recebe os teus treinos? Ééé, o João, ele passa pro guia, e o guia depois ele acaba passando pra mim pelo whatsapp, ou pelo face...” (C4)</p>	<p>Treinador passa o treino para o guia por falta de acessibilidade no celular do atleta (C4)</p> <p>Treinador passa o treino para o guia (C4)</p>

Barreiras nos transportes (1)	
Em situações de competição (0)	
<p>Em situações de deslocamento (1) “...Pra pegar o ônibus, eu, eu peço ajuda porque eu não consigo ler o letreiro Uhum Daí eu fico perguntando qual, qual ônibus que é E geralmente as pessoas te ajudam assim, abertamento, ou tem algum Aah ajudam só que eu explico, que ah, que eu tenho baixa visão e eu não consigo, não consigo enxergar o letreiro...” (C2)</p>	<p>Não consegue enxergar o letreiro para pegar ônibus (C2)</p>
Em situações de treinos (0)	

Barreiras atitudinais (5)	
<p>Em situações de competição (3) “...eu tive participando numa competição em São José, com uma moça que ela me guiou, e eles pediram pra que os deficiente largassem na frente, e na hora da largada eles não respeitaram o momento de saída dos deficiente, saíram todos junto e todo mundo saiu empurrando a gente, como se a gente tivesse enxergando e dá licença que eu tô passando...” (C4) “...Ela, como é que eu vou te dizer isso meu, éé, eu, quando quando a gente fala em inclusão, mesmo, né, se a gente for pensar por esse prisma, eu eu eu, eu considero que não precisaria ser, uma largada diferenciada, e o que eu percebo também, é uma exposição muito grande nesse sentido, primeiro porque os locutores já não usam termos adequados, pra se referirem às pessoas com deficiência, então a gente houve de tudo, em alguns momentos chega a ser até constrangedor, então, eu penso que, éé, quanto menos se se expôr nesse sentido, mais interessante ficaria Uhum. E quais os termos</p>	<p>Corredores não respeitaram a largada antecipada das pessoas com deficiência (C4)</p> <p>Exposição por falta de termos adequados por parte dos locutores para se referir às pessoas com deficiência (C7)</p> <p>Comentários piedosos (C7)</p>

<p>geralmente eles utilizam? Ah, portadores de necessidades especiais, é, falam em deficiência física como se todas as deficiências fossem, fossem, ã, físicas, éé, falta realmente né, usar né, se for pra usar, que se usasse terminologias adequadas e muitos comentários piedosos...Mais, éé, cria uma atmosfera sensacionalista, em torno dos acontecimentos, e é uma coisa que eu realmente não não não, não curto, não gosto, e, né, o bom seria que agissem de uma outra forma...” (C7)</p> <p>“...se tu vê uma pessoa distante com colete desse, aahh, tem um deficiente ali na frente, um cego ali, tu já, já desvia pra outro lugar, e muita das vezes as pessoas desviam em cima da gente né...” (C5)</p>	<p>Corredores desviam em cima dos atletas, por não perceber que eles tem deficiência visual (C5)</p>
<p>Em situações de deslocamento (2)</p> <p>“...aí você encontra carro em cima da calçada, ou às vezes, por exemplo, eu já bati em vários, já me machuquei nos carrinhos que as pessoas aqui tem, de mercados, então, eles, as pessoas vem deixam os carrinhos, em cima das calçadas né, então tem, tem esse, mais esse (risos) desafio...” (C3)</p> <p>“...os desafios da, da acessibilidade né, éé, porque, os percursos, as calçadas né, isso, pra gente, às vezes é um pouco, às vezes não, sempre é desgastante, é, você bota, coloca o pé pra fora da da da da casa, já, já começa o desafio ali, ali já começa né, a superação, porque, calçadas quebradas, às vezes você tem que ir pela rua, só que daí vem, tem os carros estacionados, daí você não pode muito rente dos carros, porque pode bater no espelho e, e quebrar o espelho do carro, aí você vai um pouco, aí vem o carro, aqui, principalmente, no bairro onde eu moro, isso é bem comum...” (C3)</p> <p>“...Uhum. Antes tinhas falado no, do trajeto de é ter medo de encontrar obstáculos, quais são os tipos de obstáculos? Geralmente é orelhão, caminhão, o que mais, os buracos mesmo né Uhum Algum carrinho de supe, de, aqueles de catador de lixo né, que tem aqueles negócios altos assim Uhum É, eu acho que são esses assim, e lixeira também Isso tudo fica onde? Esses obstáculos... É mais no centro né...” (C6)</p> <p>“...Então, do trajeto, do meu trabalho até o terminal, é uma caminhadinha, então, a partir das 5 pras 7, por aí, da noite, que as lo, que as loja começam a fechar, aí que tem, começa a encher de caminhão nas ruas Uhum E aí eu fico bem insegura (risos), com medo de encontrar algum caminhão na, no trajeto...” (C6)</p>	<p>Carro em cima da calçada (C3)</p> <p>Carrinhos de supermercado nas calçadas (C3, C6)</p> <p>Carrinhos de catadores de lixo (C6)</p> <p>Caminhões nas calçadas (C6)</p>

<p>Em situações de treinos (2)</p> <p>“...Então, na verdade eu, éé, é um espaço ali né, porque ali na beira mar, é, tem várias assessorias, e esse pessoal tem um, um né, uma aglomeração de de pessoas, usando esse espaço né, é óbvio que pra gente com guia, a gente ocupa um espaço um pouco maior, né, ee, então o grande desafio, de treinar ali, que por exemplo, se eu vou, se eu vou pela calçada, é, a gente, se é um treino até mais lento, que é um giro, até dá, mas a gente vai, muitas pessoas, elas não saem da frente, porque até entender que, que eu tô com o guia e que eu sou cego, às vezes as pessoas, a gente lida com pessoas e pessoas, às vezes tem umas que tem a dificuldade, não, se eu, porque que eu vou sair se ele, então a gente acaba fazendo, ziguezagueando muito... Né, e isso, acaba atrapalhando um pouco o treino né, o rendimento do treino” (C3)</p> <p>“...então assim, quando eu vou fazer um treino mais rápido, mais de tiro, eu não posso ir pela calçada, eu vou pelo, nu, mais encostado, na mão certa, na ciclovia, mas a gente enfrenta daí o desafio do dos ciclistas, que muitos, hoje, de tanto a gente correr ali e tal, a maioria já entende, mas muitos não entende, né, que, até, já houve xingamentos, eu já fui atropelado duas vezes, na ciclovia né...” (C3)</p> <p>“...Já destronquei um dedo, porque o cara da bike veio pra cima, e aí quando o guia viu, ele empurrou, mas pegou o guidão da mo, da, da bis, da bike, no meu, no meu dedo assim, que a gente vem correndo, vem com a mão mais solta né?!...” (C3)</p> <p>“...Olha, em relação a competições, isso nunca aconteceu comigo, não sei se já aconteceu com alguns atletas, mas eu tenho um, uma vez, eu treinando na avenida das torres lá em São José com uma guia era o primeiro dia dela comigo, a gente resolveu treinar morro, e, por um descuido, não da gente, mas sim dum carro, que deu sinal pra gente entrar, ele deu entr, ele deu o sinal pra nós entrar e ele acabou entrando junto, ele acabou me batendo, eu fui, totalmente atropelada, eu caí, no primeiro momento a guia não sabia o que fazer, ela ficou muito, não sabia assim o que lidar, ela só perguntava, tá tudo bem?...” (C4)</p>	<p>As pessoas não saem da frente por dificuldade de entender que é um atleta cego(C3)</p> <p>As pessoas não saem da frente por se negar a sair (C3)</p> <p>Ser xingado por ciclistas por treinar na ciclovia(C3)</p> <p>Ser atropelado por ciclistas por estar treinando na ciclovia(C3)</p> <p>Destroncar dedo porque o ciclista foi pra cima, enquanto treinava na ciclovia (C3)</p> <p>Ser atropelada por motorista que cedeu passagem (C4)</p> <p>Guia não saber o que fazer em situações de acidentes (C4)</p>
---	---

Barreiras específicas do esporte (7)	
<p>Recursos humanos (5)</p> <p>Em situações de competição (1)</p> <p>“...Olha, correr enxergando você vamos dizer que, você tá vendo o teu, a pessoa que tá na tua frente, que tu, dependendo da situação pode ultrapassar ou não, éé, ou dar uma olhadinha pra trás, se o adversário, enfim, né, digo adversário, mas, é competição, é adversário né, tu olha pra trás vê se tu pode dar aceleradinha ou manter ali pra, pra no final tu dar aquele sprint pra, pra manter o teu, tua colocação, éé, é os obstáculos que tem que né, que, o que é ou não, lombadas, e muitas coisas que tem na frente, ver, o guia ele da uma reduzida, isso é normal, é, já corri com guias que, que ele é altamente veloz mas mesmo assim, ele sendo veloz, ele reduz, porque ele imagina que eu vou tropical e ele da aquela reduzida, então isso atrapalha um pouquinho...” (C5)</p>	<p>O guia reduz a velocidade, quando chega perto de obstáculos, por achar que o atleta vai “tropical” (C5)</p>

<p>Em situações de deslocamento (0)</p>	
<p>Em situações de treinos (4)</p> <p>“...daí tinha que procurar os horários que encaixava com o guia...” (C1)</p> <p>“Por que são 3 pessoas que te auxiliam? Ah porque éé, éé, assim porque, são as 3 que conseguem me acompanhar, éé, com pace, porque assim, ah é, nem todos conseguem correr digamos aí, a 8 quilômetros em 35 minutos... Ou, até, até menos, aí tem que sempre ver, vê isso, éé, quem pode, quem consegue acompanhar” (C1)</p> <p>“...por quê o C3 ter quatro guias ou né, três, enfim, éé justamente por isso né, porque, geralmente, um só, não consegue te acompanhar, e a gente tem, como eu treino vários, vários dias, então, é, é importante ter um número né, às vezes, por exemplo, acontece final de semana, que um foi pra uma prova, o outro foi viajar com a família, e aí? Então, então você tem que ter opção, na verdade isso acaba muitas vezes, esse sábado mesmo, eu acabei indo pra esteira porque não tinha guia né... Não tinha. Um foi viajar, outros tavam na competição” (C3)</p> <p>“...eu treino segunda, quarta e sexta e às vezes emendo sá, no sábado, que não é o correto, seria na na se, na na no domingo né, mas às vezes justamente pela condição do guia, o guia não pode no domingo, pode no sábado, aí, eu treino...” (C3)</p> <p>“...Porque, por exemplo, esse domingo tava chovendo, eu tinha uma corrida marcada, um treino pra fazer, e tava ventando e chovendo, né, também não ia tirar o cara da cama né (risos), ele viu, o C3, tá assim assim, mas eu fiquei ali, deixei na dele, eu também fiquei assim, mas poxa, tá essa chuva será? Mas eu deixei, se ele dissesse ah C3, mas sabe de uma coisa, eu acho que dá pra ir, eu já levanta...pegava, então tá, tô te esperando (risos da entrevistadora), pra mim é, seria isso, eu já fiz isso né, mas óbvio que eu fico, eu espero a pessoa, porque, cada um, cada um né (risos)...” (C3)</p> <p>“...É, quando muda o guia da uma dificuldade novamente, porque às vezes a gente não sabe se o guia ta preparado ou não, claro que todos que acabam entrando pra ser guia, eles conhecem um pouco da vida do deficiente e tem um preparo pra saber como lidar com o deficiente, então ele já sabe, só que a gente que é deficiente, no meu caso, eu sou bem realista em falar que eu não confio no primeiro momento, o guia tem que me passar segurança pra dizer assim, não, vamo que agora eu to bem.” (C4)</p> <p>“...É, no caso, eu sinto no início meio travada, mas ao co, ao tempo da corrida, se for uma de resistência, eu fico travada nos primeiros 1 quilômetro ali, quando o guia é novo, porque eu não tenho aquela segurança, ele não conseguiu passar segurança pra mim, então eu fico meio travada no início, mas depois é diferente assim, eu sinto mais leve, mais solta.” (C4)</p> <p>“...em relação a cair, se machucar, que a minha preocupação é isso, a será que, eu vou cair, posso ir não ir, então, como eu acabei de falar né, o papel do guia é importante porque ele daí acaba passando a confiança pra gente e ele também acaba pegando um pouco de confiança pra gente, porque às vezes o guia ele também se sente inseguro em saber como correr com o deficiente.” (C4)</p> <p>“...E por que que não tem esses treinos na, na rua? Porque eu acabei não me organizando com outras pessoas né, tenho que tentar entrar em contato com alguém pra ver a disponibilidade Uhum e geralmente essa, essa disponibilidade acontece? Ou não? Demora um pouquinho mais, a gente sempre encontra alguém...” (C6)</p>	<p>Encaixar horários com guias, por conta de compromissos, treinos, viagens, disponibilidade (C1, C3, C6)</p> <p>Encontrar guia que corra no mesmo ritmo (C1)</p> <p>Não seguir os dias recomendados na planilha por falta de guia (C3)</p> <p>Falta de preparo dos guias (C4)</p> <p>Falta de segurança por parte do guia (C4)</p>

<p>“...mas e por que que ele não passa diretamente pra ti o treino? Porque eu não tenho um aplicativo lá de planilha, daí, ela só vem com, tipo, modelo e data, o meu celular ele não tá bem adaptado pra isso (risos)...” (C4)</p>	
---	--

Barreiras específicas do esporte (7)	
<p>Pessoais (6)</p> <p>Em situações de competição (3)</p> <p>“...Tá, e, tu me contou um pouco como é a tua rotina em dia de treino né?! E agora eu queria saber como é que é, em um dia de competição. É, eu tenho dificuldade de dormir. Por que? Porque eu acho que eu fico ansioso e a hora não passa...” (C1)</p> <p>“...E durante a competição? Como é que é? O percurso... como é que é a relação com o guia? Como é que tu se sente? Ah, no dia da compes, da competição mesmo, eu já fico um pouco mais nervosa assim, não sei porque, não, não consigo ainda controlar isso (risos). Porque eu tenho medo, eu tenho medo de ir lá e decepcionar o guia, que às vezes ele tá tão empolgado, ah porque no treino tu foi bem, tu fez um tempo bom tal, mais e aí tu fica naquela pensando, po será que hoje eu vou fi, vou tá bem também?...” (C6)</p> <p>“...nas corridas de rua, na largada, ele vai me dar a direção de onde, de onde eu tenho que ir, eu não vou precisar ficar me preocupando em desviar das pessoas, que muitas vezes, eu acabam, quando eu corro sozinha, eu acabo esbarrando, então, ele vai me dar a direção certa...” (C2)</p>	<p>Dificuldade de dormir por conta da ansiedade (C1)</p> <p>Ficar nervosa no dia da competição, por medo de decepcionar o guia quanto ao desempenho (C6)</p> <p>Quando corre sozinha em competições, fica se preocupando em desviar das pessoas (C2)</p>
<p>Em situações de deslocamento (2)</p> <p>“...E como é que era o trajeto assim? É, quanto a pegar ônibus, quanto a se locomover na rua? Eu acho que era, assim, tranquilo tranquilo não dá pra dizer que é, porque sempre tem uma tensãozinha ou outra né?! Uhum. Por que? É, por conta do movimento na rua, as inseguranças que a gente tem, em quere, em esbarrar em alguma coisa, ou pisar em algum buraco...”(C6)</p> <p>“...Por que que não sente segura? Porque eu não costumo muito ir por ali, não conheço, exatamente bem o caminho, e tem algumas, alguns, chega um determinado ponto ali que, eu fico toda confusa, não sei se eu vou pra esquerda, não sei se eu vou para direita...” (C6)</p> <p>“...seria bem complicado por falta de acessibilidade, por exemplo ãn, quando se treina na beira mar norte, eu, já atravessei em alguns momentos, é claro que se houvesse necessidade a gente teria que buscar uma forma de fazer isso, mais são lugares que eu não tenho, eu, realmente, não tenho segurança para fazê-lo sozinho Uhum e por que que não tem segurança? Em função dessa falta de acessibilidade, são, o trânsito é, é complicado, são muitas vias, em vários sentidos, e, não existem sinais sonoros nestas vias, éé, são vias rápidas e isso gera bastante insegurança” (C7)</p>	<p>Tensão no deslocamento para o treino, por conta do movimento na rua (C6)</p> <p>Insegurança em esbarrar em alguma coisa (C6)</p> <p>Insegurança em pisar em algum buraco (C6)</p> <p>Insegura por não conhecer bem o caminho (C6)</p> <p>Insegurança em se deslocar sozinho para determinados locais, por falta de acessibilidade (C7)</p> <p>Insegurança em se deslocar sozinho para determinados locais, por conta do trânsito</p>

	e a não existência de sinais sonoros nas vias (C7)
<p>Em situações de treinos (4)</p> <p>“...Por que que tu vai com guia nesses lugares? Ah porque aí o guia sabe, ele me orienta e ele consegue assim, ele sabe pra onde que tá indo e sabe como voltar e eu sozinho era mais, é mais difícil Por que que é mais difícil? Pela, pelo pouco de visão assim que eu tenho Aham Se eu enxergasse mais, talvez era mais, eu conseguiria ir sozinho...” (C1)</p> <p>“...tá dando tiro, é, vem um grupo de ciclismo, ciclista, você tem que reduzir, você tem que parar, então, acaba éé, de certa forma, prejudica um pouco o teu treino né, não é aquilo, tu corre meio, às vezes tenso né, preocupado, né, esse é um desafio também né, que, que é uma das coisas que, né, embora você procure relaxar, e a fazer, mas você tá, tem que tá sempre atento né, a questão da percepção que a gente tava falando né...” (C3)</p> <p>“...O medo era em relação assim, eu seguro na guia né, e, que é a pulseira e ele dizia pra mim tipo, soltar, solta o corpo C4, solta a mão, e eu não, não, e eu segurava na mão dele eu não soltava, eu não pegava na guia, pegava na mão dele...” (C4)</p> <p>“...É, quando muda o guia da uma dificuldade novamente, porque às vezes a gente não sabe se o guia tá preparado ou não, claro que todos que acabam entrando pra ser guia, eles conhecem um pouco da vida do deficiente e tem um preparo pra saber como lidar com o deficiente, então ele já sabe, só que a gente que é deficiente, no meu caso, eu sou bem realista em falar que eu não confio no primeiro momento, o guia tem que me passar segurança pra dizer assim, não, vamo que agora eu to bem.” (C4)</p> <p>“...É, no caso, eu sinto no início meio travada, mas ao co, ao tempo da corrida, se for uma de resistência, eu fico travada nos primeiros 1 quilômetro ali, quando o guia é novo, porque eu não tenho aquela segurança, ele não conseguiu passar segurança pra mim, então eu fico meio travada no início, mas depois é diferente assim, eu sinto mais leve, mais solta.” (C4)</p> <p>“...em relação a cair, se machucar, que a minha preocupação é isso, a será que, eu vou cair, posso ir não ir, então, como eu acabei de falar né, o papel do guia é importante porque ele daí acaba passando a confiança pra gente e ele também acaba pegando um pouco de confiança pra gente, porque às vezes o guia ele também se sente inseguro em saber como correr com o deficiente.” (C4)</p> <p>“...no início era um desafio, primeiro a questão da confiança, então, primeiro treino que eu fiz com a Ana Clara eu estava totalmente travado, né, segurando movimentos, ã, o segundo já foi mais solto e aí tu, né, com, com a confiança que tu vai adquirindo nas pessoas que estão ao teu lado, sabendo que, acidentes podem acontecer, éé, independente de enxergar ou não, né...” (C7)</p>	<p>Treinar sozinho em determinados locais é mais difícil por conta da pouca visão (C1)</p> <p>Correr tenso por conta da preocupação de encontrar ciclistas na pista (C3)</p> <p>Insegurança em correr utilizando um implemento (C4)</p> <p>Falta de confiança/ segurança em guias novos, por não saber se ele está preparado (C4)</p> <p>Se sentir travada no início quando o guia é novo (C4)</p> <p>Preocupação em cair (C4)</p> <p>Preocupação em se machucar (C4)</p> <p>Início dos treinos de corrida, se sentia travado pela falta de confiança no guia (C7)</p>

Barreiras específicas do esporte (7)	
<p>Organizacionais (6)</p> <p>“...Uhum, e é tranquilo pra ti, pra ti acessar o banheiro, pra ti permanecer dentro do banheiro, como é que é? Olha, é meio</p>	<p>Os banheiros colocados nas competições, pipi</p>

<p>difícultoso, porque na maioria dessas competições, são aquele pipi móvel então é um pouquinho complicado, porque, éé, totalmente dife, pra mim é totalmente diferente do que tu tá ou em casa ou um outro banheiro, porque pra mim esse pipi móvel é bem, é horrível (risos). Ele ajuda mas não muito...” (C4)</p> <p>“...Ai, pra mim é a estrutura, muito pequeno assim, tipo, tu, a hora que tu vai sentar tu já da quase com o rosto na porta, pra mim, porque tu fica se movimentando ali dentro pra localizar o vaso, porque daí tu tem que fechar a porta né, às vezes tem as moças que enxergam que ela tão cuidando do lado de fora, mas às vezes, dá imprevisito de elas irem em outro banheiro, e você usar ali sozinha, então, tu tem que fechar, porque se não, vem um, abre a porta, e né, então, nessa questão...” (C4)</p> <p>“...Uhum. E lá na hora da competição, é, como é que geralmente, por exemplo, quando tu que, quando quer ir no banheiro, antes da competição, como é que é? Também tem que ter auxílio de alguém Uhum Porque é muito tumulto né, e, geralmente os banheiro são longe, tem que andar um pouquinho, e no decorrer do caminho, sempre tem, obstáculos né, como aque, aquelas, umas divisões que eles fazem lá, ferro no caminho, barraca...” (C6) “...Porque as coisa, o ca, o trajeto acaba se, geralmente, por exemplo, ali na beira mar né, se eu for de ônibus, aí eu tenho que esperar alguém ali porque daí tem que atravessar aquela, aquela rua ali e ge, geralmente quando tem corrida né, eles, acabam colocando outras coisas no, no caminho né, por exemplo, aquelas barraquinhas, então, pra conseguir se achar lá é bem mais difícil...” (C6)</p> <p>“...éé, na corrida em si, ã, pelo fluxo de pessoas, também é bem complicado de a gente se deslocar no no no no local, né, principalmente no local de largada, onde as pessoas se concentram, e buscar um <i>toilet</i> e é complicado, muitas vezes até quando tá, né quando nós estamos acompanhados, às vezes até as pessoas tem dificuldade de encontrar imagina pra gente...” (C7)</p> <p>“...Né. ãn, chegada até o local da prova, isso tudo vai depender de onde é a prova, né, eu geralmente pego um táxi ou um uber, marco um encontro com alguém, próximo da largada, pra gente se dirigir até o, o local de concentração e pelo fluxo de pessoas é complicado pra gente se deslocar sozinho num lugar desse sem enxergar...” (C7)</p> <p>“eee também falando de, falando de corridas de rua, eu acho que como, assim como tem na, nas provas de pista, eles podiam dar o colete, o colete, um, um colete, pra, pros guias, pra identificar, pra identificar os guias, porque nas competições de pista, tem isso...” (C2)</p> <p>“...Não perguntam, não perguntam nada assim, só se eu falar, às vezes eu mando um e-mail falando. Hoje já aconteceu de eu me inscrever e correr com guia correr na, saí na categoria geral e correr com guia, mas não de, de eles perguntarem...” (C2)</p> <p>“Daí o que que geralmente eles costumam te responder? O que que eles, eles ah, eles respondem, ah, que po, pode, pode me inscrever e eles não não não questionam nada assim, assim com relação a, a deficiência...” (C2)</p> <p>“...Hm, então, quando a gente no início, tudo é uma conquista né, tudo eu acho que quem quer se molhar, né, tem que tá na chuva né, então, éé, no início, era bastante, às vezes pra conseguir as inscrições, é, provas que às vezes, principalmente, as as provas mais de de a de a de aventura assim ligada a trilhas né, as pessoas diziam, não mas ele é cego, não sei o que, e se ele se machuca, a responsabilidade, não sei o</p>	<p>móvel, são horríveis (C4)</p> <p>Estrutura do banheiro colocado nas competições é muito pequena (C4)</p> <p>Banheiros longe, acesso com obstáculos, sendo as divisões que eles fazem, ferros e barracas no caminho (C6)</p> <p>Dificuldade de encontrar banheiros, mesmo para os videntes (C7)</p> <p>Em virtude da grande concentração de pessoas, é difícil chegar até os pontos principais da competição (C7)</p> <p>Não disponibilizam o colete de identificação para o guia (C2)</p> <p>Sair na categoria geral correndo com guia, pois a organização não pergunta se o participante possui algum tipo de deficiência (C2)</p> <p>Não proibem a participação, mas não há interesse quanto as observações da participação de pessoas com deficiência (C2)</p> <p>Tentativa de barrar a inscrição em determinadas provas, como as de aventura por exemplo (C3)</p>
---	--

<p>que, então foi tudo uma conquista né...” (C3)</p> <p>“...Né. E isso, é, muitas néé, organizadora, que organiza essas provas já, permite, tem outras que, que não, que já é mais difícil, que não permite, né, então, a gente ainda tá nesse processo de de realmente de de conquista né...” (C3)</p> <p>“...de ser valorizado né, ou, algumas provas, por exemplo, é, ofereci, não, no início, não ofereciam premiação, é, hoje a gente já tem alguma provas que eles tem a categoria do, das pessoas com deficiência, inclusive tem trofé ãh, né, existe troféus, é, de 1º 2º 3º lugar, masculino, feminino, éé, já fui em provas que até premiação nos deram, né, tem outras que não...” (C3)</p> <p>“...existem, às vezes, organizações que nos convidam, que nos chamam, né, pra participar, mas também existe ainda, aquelas que você tem que dar uma imploradinha, tem que dar uma né, desde a questão assim, existem provas que te oferecem ah, participa, mas você não ganha o kit, não ganha a camiseta” (C3)</p> <p>“...Quando, até foi a, a Rosângela Alexandre que foi uma da, das primeiras guias até aqui enfim, acho que em Floripa, ela começou a correr antes ainda de existir o sexto sentido, enfim, ela já corria né, com, com um rapaz que era baixa visão, então ela foi na nessa, nessas provas lá, nesse indomit, ela foi, no início eles não queriam dar inscrição, não não, não queriam, porque é difícil, porque passa por pedras, porque é isso, né...” (C3)</p> <p>“...todas dão medalha, todas dão medalha, mas, a grande maioria não, a gente não sobe em pódio, não tem aquela diferenciação...” (C5)</p> <p>“...Mas quanto o percurso assim, é tranquilo, tirando, né, às vezes, quando a gente acaba, não conseguindo sair na frente né, daí, a gente acaba pegando um pouco do tumulto, que daí tu não consegue, é, colocar um ritmo melhor né...” (C6)</p>	<p>Algumas organizadoras de provas, não permitem a participação (C3)</p> <p>Algumas provas não ofereciam premiação (C3)</p> <p>Algumas provas não oferecem kit (C3)</p> <p>Algumas provas não oferecem camiseta (C3)</p> <p>Não queriam fornecer a inscrição pela prova ser difícil e por passar por pedras (C3)</p> <p>Algumas provas não tem a premiação por categoria de pessoas com deficiência (C5)</p> <p>A falta da largada diferenciada, acarreta na lentidão dos atletas com deficiência, pelo tumulto (C6)</p>
---	--